

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: INFLUÊNCIA DO
PROFESSOR FORMADOR NA FORMAÇÃO INICIAL**

FÁBIO ANDRÉ FRIGERI

Frederico Westphalen, Setembro de 2016.

FÁBIO ANDRÉ FRIGERI

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: INFLUÊNCIA DO
PROFESSOR FORMADOR NA FORMAÇÃO INICIAL**

Texto apresentado à banca de Defesa da
Dissertação no Programa de Pós- Graduação
em Educação-Mestrado em Educação da
Universidade Regional Integrada do Alto
Uruguai e das Missões- Câmpus de Frederico
Westphalen como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora: Prof. Dra. Neusa Maria John
Scheid**

Frederico Westphalen, Setembro de 2016

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI
E DAS MISSÕES - URI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CÂMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A formação do Professor de Educação Física: influência do professor
formador na formação inicial**

**Elaborada por
FÁBIO ANDRÉ FRIGERI
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação**

Frederico Westphalen, setembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família pela compreensão nos momentos de ausência e distração e pelo apoio, incentivo e conselhos nos momentos difíceis.

As minhas orientadoras, inicialmente Prof. Dra Maria Teresa Cauduro e, posteriormente, a Prof^a Dra Neusa Maria John Scheid que, sempre muito prestativas me auxiliaram e aconselharam quando precisei.

Ao curso de Educação Física da URI campus de Frederico Westphalen e aos professores, por permitirem e colaborarem para que a pesquisa fosse realizada.

A todas as pessoas que de uma ou outra forma participaram e colaboraram para que a realização deste trabalho fosse possível.

MUITO OBRIGADO A TODOS!

**"A principal meta da educação é criar homens
que sejam capazes de fazer coisas novas,
não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram.
Homens que sejam criadores, inventores, descobridores.
A segunda meta da educação é formar mentes
que estejam em condições de criticar,
verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe."
*(Jean Piaget)***

RESUMO

Nos tempos atuais, a formação profissional inicial de professores constitui-se, cada vez mais, como crucial quando se almeja uma educação de qualidade. No interior dessa formação, o Professor Formador exerce um papel muito importante, pois, de certa forma, servirá de orientador no momento em que o acadêmico irá iniciar a sua prática docente. A presente pesquisa tratou do tema a formação do professor de educação física: influência do professor formador na formação inicial. Teve como objetivo constatar como ocorre a formação inicial do professor de Educação Física na visão do Professor Formador. Este estudo surgiu a partir do questionamento sobre como ocorre a formação do professor de Educação Física e a influência do Professor Formador nessa formação. Para tanto, buscou-se no âmbito qualitativo e descritivo interpretativo o método para construir essa investigação. Foram utilizados os instrumentos de entrevista e análise de documentos para dar sustentação ao método. A análise dos dados foi realizada através dos resultados encontrados. Foram encontradas duas categorias Professor formador e Professor em formação e duas subcategorias em cada categoria principal, competências profissionais; o professor formador como inspiração; o acadêmico na visão do professor formador e relação com os acadêmicos. Como competências do professor foram levantadas questões em relação a chegar no horário, domínio de conteúdo, preparação profissional e relação professor-aluno. Os Professores Formadores relataram ter por base das suas competências as questões éticas. O Professor Formador compreende ter influência na formação do acadêmico, que está relacionada com a motivação e incentivo do mesmo. E também uma influência através da sua conduta e experiência profissional. O Professor Formador percebe seus acadêmicos e suas evoluções de forma diferenciada. Enquanto alguns acadêmicos entram na universidade sem uma base teórica ou uma preparação intelectual adequada para tal, outros demonstram uma evolução no decorrer da graduação, no ponto de vista do Professor Formador. Percebeu-se, ao fim desta pesquisa, que os Professores Formadores mostraram estar cientes que exercem influência na formação do acadêmico.

Palavras chaves: Formação docente, Licenciatura, Formação inicial.

ABSTRACT

In the present days, the initial professional teacher training is increasingly becoming crucial when pursuing quality education. Within this formation, the Teacher Trainer exerts a very important role, since, in a certain way, it will serve as a guide when the academic will begin his or her teaching practice. This research addressed the theme of the physical education teacher training: influence of the teacher trainer in the initial formation. It aimed to verify how the initial training of the Physical Education teacher occurs in the view of the Teacher Trainer. This study arose from the questioning about how the formation of the Physical Education teacher occurs and the influence of the Teacher Training in this formation. For this purpose, the qualitative and descriptive interpretive method was used to construct this research. The instruments of interview and documents analysis were used to support the method. Data analysis was performed through the results found. Two categories were found, the Teacher trainer and the Teacher in training and two subcategories in each major category, professional competencies; The teacher trainer as inspiration; The academic in the view of the teacher trainer and the relation with the academics. As teacher competences, questions regarding arriving on schedule, content mastery, professional preparation and teacher-student relationship were raised. The Training Teachers reported that they have their competences based on ethical issues. The Trainer Teacher understands to have influence in the formation of the academic, which is related to the motivation and incentive of the same. And also an influence through his or her conduct and professional experience. The Teacher Trainer perceives his or her academics and their evolutions in a differentiated form. While some academics enter the university without a theoretical basis or an adequate intellectual preparation for it, others demonstrate an evolution during the graduation, in the point of view of the Teacher Trainer. It was noticed, at the end of this research, that the Teacher Trainers showed that they are aware that they influence the formation of the academic.

Keywords: Teaching training. Graduation. Initial training.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Professores entrevistados.

QUADRO 02 – Documentos analisados

LISTA DE SIGLAS

EF – Educação Física

IBCT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

BTDT - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

C&T - Ciência e Tecnologia

LDB - Lei de Diretrizes e bases

DCNG - Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

PPP - Projeto Político Pedagógico

FW – Frederico Westphalen

RS – Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO DO TEMA – PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	10
2 CONTEXTUALIZANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	15
2.1 Formação de professores.....	16
2.2 Formação de professores de Educação Física.....	24
3. MÉTODO DA PESQUISA	32
3.1 Caracterizações da pesquisa.....	32
3.1.1 Pesquisa de campo	33
3.2 Instrumentos utilizados	34
3.3 Análise dos dados.....	34
3.4 Contexto	35
3.5 Considerações éticas	35
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	36
4.1 Primeiro nível de Análise - dados coletados	36
4.2 Segundo nível de Análise - unidades e categorias	37
4.3 Terceiro nível de Análise - a costura	38
4.3.1 Professor formador.....	38
4.3.1.1 Competências profissionais	39
4.3.2 Professor em formação	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICES	58
APÊNDICE A	59
APÊNDICE B	60
APÊNDICE C	61
ANEXO 1.....	62

1 INTRODUÇÃO DO TEMA – PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A formação do professor é de fundamental importância para definir o estilo do futuro profissional. No interior dessa formação, o Professor Formador tem papel muito importante, pois, é nesse momento que o futuro profissional adquire competências que serão essenciais para a prática da profissão docente. De certa forma, pode-se afirmar que o Professor Formador servirá como orientador no momento em que o futuro professor irá iniciar a sua prática docente.

Na formação inicial, o professor em formação, que será tratado nessa pesquisa como acadêmico, irá adquirir uma base para sua construção pedagógica. Por meio do conteúdo e das relações de aprendizagem.

A especificidade dos contextos em que se educa adquire cada vez mais importância: a capacidade de se adequar a eles metodologicamente. A visão de um ensino não tão técnico, como transmissão de um conhecimento acabado e formal, e sim como um conhecimento em construção e não imutável, que analisa a educação como um compromisso político, preenche de valores éticos e morais (e, portanto, com a dificuldade de desenvolver uma formação a partir de um processo clínico) e o desenvolvimento da pessoa e a colaboração entre iguais como um fator importante no conhecimento profissional...; tudo isso nos leva a valorizar a grande importância que tem para a docência a aprendizagem da relação, a convivência, a cultura do contexto e o desenvolvimento da capacidade de interação de cada pessoa com o resto do grupo, com seus iguais e com a comunidade que envolve a educação (IMBERNÓN, 2009, p. 13).

Para Freire (1996, p. 97), a formação do professor não pode ser de forma reprodutiva, não bastam os conceitos e teorias prontas, aprendidas no decorrer dos cursos, mas de senso crítico, proporcionando uma reflexão e a uma formação da identidade profissional, tendo o suporte necessário de conhecimento e autonomia proporcionado pelo curso de graduação e os professores formadores.

Com relação à identidade profissional, precisamos pensar a docência como uma profissão e, para ser um profissional nessa área, conhecer as competências específicas necessárias para atuar como docente. Segundo Imbernón (2009):

Se aceitarmos que a docência é uma profissão, não será para assumir privilégios contra ou “à frente” dos outros, mas para que mediante o seu exercício, o conhecimento específico do professor e da professora se ponha a serviço da mudança e da significação da pessoa. Ser um profissional da educação significara participar de emancipação das pessoas. O objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. E a profissão de ensinar tem essa obrigação intrínseca (p. 27).

A formação da identidade profissional é construída no decorrer do curso e segue por toda a vida de forma fragmentada em diferentes momentos, seja com a formação permanente, com a socialização do conhecimento, com as vivências profissionais na prática educacional ou mesmo com as experiências profissionais como discente (IMBERNÓN, 2009).

Outro ponto na construção da identidade profissional é por meio do exemplo. A maneira como os Professores Formadores atuam na formação do acadêmico terá influências, positivas ou negativas, na atuação do futuro professor. E a construção dessa relação entre Professor Formador e o acadêmico em formação definirá a direção dessa formação.

Investigar como a formação inicial acontece através da relação entre o Professor Formador e o acadêmico foi à opção escolhida para essa pesquisa. A trajetória construída no espaço acadêmico impulsionou-me para a presente investigação, que teve como foco de interesse descrever como se dá a formação dos professores na graduação de Educação Física considerando a visão do Professor Formador com relação a essa formação inicial.

Já na graduação em Educação Física o tema era de meu interesse, e no Mestrado é o momento de aprofundar ainda mais os estudos com relação à formação docente do Professor de Educação Física.

Levando em consideração, o levantamento de quantas e quais pesquisas nessa área foram realizadas nos últimos dez anos, os achados foram de certa forma, mínimos, dado a importância do tema. Este levantamento foi realizado na disciplina de Pesquisa em Educação do Mestrado e o seu resultado tem relevância para que seja justificado o tema desta dissertação. Ficaram definidos os últimos dez anos por uma exigência de pesquisa da disciplina em questão e coincidir com os dez anos na mudança da formação do Profissional em Educação Física, separação dos cursos de formação em bacharelado e licenciatura.

Foi utilizado para este levantamento, o IBCT, que coordena o projeto da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras, também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. Projeto este que possibilita que a comunidade brasileira de Ciência e Tecnologia (C&T) publique suas teses e dissertações produzidas no país e no exterior, dando maior visibilidade à produção científica nacional. A seguir, faço um breve relato.

Para realizar este levantamento de dados, utilizei os seguintes descritores: Formação de professores; formação de professores de educação física; formação inicial de professores; formação inicial docente e professor formador.

Com relação à Formação de professor, ainda é possível encontrar o número significativo de teses e dissertações, mas quando se especifica a formação do professor de Educação Física o número de pesquisas praticamente desaparece. Para a formação de professores foram encontradas 550 investigações enquanto que, para a formação de professores de Educação Física, em específico, apenas uma Tese, intitulada “Pressupostos ontológicos da produção do conhecimento do lazer no Brasil - 1972 a 2008: realidade e possibilidades na pós-graduação e graduação em educação física” (SÁ, 2009). Essa tese, levanta, enquanto pergunta científico-investigativa: Quais os pressupostos ontológicos da produção do conhecimento do lazer produzido na pós-graduação em Educação Física no Brasil, considerando o período de 1972 a 2008 e que relações, nexos e contradições estabelecem no currículo de formação do professor de Educação Física da Região Nordeste, em vista a necessidade e as possibilidades de apontar pressupostos ontológicos de uma práxis do trabalho-lazer, cujo projeto histórico de sociedade seja o comunismo.

A pouca quantidade de pesquisa nessa área pode ser atribuída ao motivo da recente mudança curricular nos cursos de formação de professores de Educação Física. Foi em março 2004 que foram instauradas as novas diretrizes curriculares nacionais para o curso de Educação Física e ocorreu a criação do curso de bacharelado mudando os currículos dos cursos de preparação profissionais em Educação Física separando o professor (licenciado), para trabalhar no âmbito escolar, do profissional (bacharel), para atuar em programas de atividades físicas, tanto em academias como em treinamentos desportivos, por exemplo.

Antes de essas mudanças acontecerem, a Educação Física já mesclava, em seu currículo, ambas as formações e habilitava legalmente para assumirem esses dois mercados. Na prática, as ações pedagógicas se voltavam mais para o processo esportivo (treinamento na escola) e pouco para o processo de escolarização (aprendizagem). Mesmo formando profissionais que atuariam como professores dentro das escolas, os cursos atuavam também na formação do profissional para atuar fora do contexto escolar, que obtinha mais força social.

Com o novo currículo em vigor, fica evidente a necessidade de novas pesquisas nessa área de formação inicial. Com apenas sete anos, em 2011 já houveram algumas alterações do currículo inicial para as licenciaturas. Em algumas universidades, ainda, passou a vigorar mais um semestre na formação, o que antes eram sete semestres de formação passou a ser oito, para que fosse possível dar maior atenção às disciplinas pedagógicas, voltadas mais em específico para a formação do professor. Mas, dez anos depois, ainda são poucas as pesquisas nessa área

para que se possam analisar os efeitos dessas mudanças e para que novos aperfeiçoamentos possam ser realizados.

É importante destacar também, que a maioria dos professores formadores da área, são oriundos da formação generalista, ou seja, não são específicos da licenciatura. Portanto, nesse caso, se dá à importância em investigar como o Professor Formador direciona suas aulas, para que contemple a formação de professores e não a de bacharéis.

Na medida que se compreende melhor a profissão docente, evidencia-se sobre tudo, que educar e ensinar permite um contato com a cultura, sendo que todas as experiências culturais e sociais do professor são determinantes. Para Sacristán (1999, p.67) “[...] nesse sentido, é importante repensar os programas de formação de professores, que têm uma incidência mais forte nos aspectos técnicos da profissão do que nas dimensões pessoais e culturais.”

Por esses motivos, tais como, a mudança na formação do professor de Educação Física, separação em dois cursos, práticas docentes e relacionamento entre professor e acadêmico, é que dou início a esta investigação, cujo problema de pesquisa questiona “quais as influências existentes na interação entre o Professor Formador e os acadêmicos em processo de formação”?

O objetivo geral foi “Investigar quais as influências que o Professor Formador exerce no processo de formação do Professor de Educação Física”.

E os objetivos específicos: Descrever e elencar as influências exercidas pelos professores formadores com relação aos acadêmicos; constatar como o Professor Formador percebe a evolução do acadêmico no decorrer do curso ou da sua disciplina; verificar a interação Professor Formador/Acadêmicos.

Como questões norteadoras utilizei as seguintes perguntas: quais influências são exercidas nos acadêmicos pelos Professores Formadores? Como o Professor Formador percebe a evolução do acadêmico no decorrer do curso e/ou da sua disciplina? E qual a interação estabelecida entre o Professor Formador e o Acadêmico no processo de formação inicial?

Para responder a questão “quais as influências existentes na interação entre o professor formador e os acadêmicos em processo de formação?”, teci, no capítulo um, as intenções do estudo, sua problemática, perguntas norteadoras, objetivo geral e específico. Apresento os motivos que me levaram a essa pesquisa. A necessidade de pesquisa para uma

reflexão sobre os modelos de ensino aplicados na graduação de Educação Física. E pela identificação com o tema, por estar inserido nessa realidade.

No capítulo dois, recorro à literatura, aportando o referencial teórico para essa investigação. Busco suportes para o trabalho, nas falas de pensadores da educação e formação de professores. Início com a formação do professor, relatando as definições e objetivos da formação e também da importância das entidades de Ensino e dos seus formadores.

No capítulo dois retrato a formação profissional do professor de Educação Física, licenciado, descrevendo algumas particularidades dessa formação. Resgato as diferentes perspectivas na formação do educador físico e suas mudanças no decorrer do tempo.

A metodologia do estudo, a caracterização da pesquisa de cunho qualitativo, por ser considerada a mais adequada para este estudo é tratada no capítulo três. Como estratégia, optei pelo estudo de caso.

No quarto capítulo trato da análise e interpretação dos dados, descrevo os critérios para a escolha dos participantes da pesquisa, e construo três níveis de análise. No primeiro reúno e agrupo os dados coletados classificando-os por natureza de informação. No segundo nível aponto as unidades de significado encontradas e as processo formando assim categorias com subcategorias que auxiliam na compreensão do estudo. No terceiro nível, as informações coletadas em campo foram cruzadas, ou seja, nesse nível aconteceu a análise propriamente dita costurando os achados e interpretando as informações com o suporte da teoria.

Finalizando o trabalho, faço as considerações finais onde o resultado das reflexões entre dados coletados e literatura, respondendo ao problema inicial e as perguntas norteadoras que deram o início ao trabalho.

2 CONTEXTUALIZANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A educação Física passou por grandes mudanças no decorrer do tempo. A forma como a Educação Física e seus profissionais eram vistos há algum tempo como “treinadores” onde o foco era as habilidades físicas, passa por um momento de tentativas em mudar essas concepções.

Na década de 80, para Medina (1983, p. 245): “[...] os licenciados em Educação Física, além de terem poucas noções sobre a finalidade da Educação e da Educação Física no ensino formal, supervalorizam a competição, o resultado e a vitória, objetivos próprios do esporte”.

Em 1996, a Educação Física passa a ser parte integrante no currículo da educação básica. A Lei de Diretrizes e Bases promulgada em 20 de dezembro de 1996 busca transformar o caráter que a Educação Física assumiu nas últimas décadas. Igualmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais expressam que,

A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos (BRASIL, 97, p 24).

Dessa forma, o foco passa a ser também pedagógico, de desenvolvimento físico, mental e intelectual. Com essas mudanças na concepção da Educação Física escolar, também se faz necessário à mudança na formação dos futuros professores da área.

No ano de 1996 surgem novas concepções da formação do professor de Educação Física, assim como Tani (1996), que sugere que as disciplinas consideradas práticas de desporto, ao invés de manterem o foco voltado para a execução do movimento e habilidades motoras, fosse oportunizado para o acadêmico desenvolver sua capacidade diagnóstica, sua capacidade de observação, para que como futuro profissional possa ter condições de perceber a real necessidade de aprendizado do seu aluno.

Em 1998, com a Lei 9696/98 (BRASIL, 1998), acontece a regulamentação da profissão, mas as novas diretrizes para a Formação do Professor de Educação Física ocorrem alguns anos depois, apenas em 2004, com as licenciaturas tendo uma normativa própria e voltada para a formação do professor através da resolução n° 7, de 31 de março de 2004.

Mas, a mudança na formação vai além das mudanças curriculares, depende também das concepções dos Professores Formadores, e a forma com que definem a Educação Física e diferenciam o Bacharelado da Licenciatura. Essas concepções estão além dos conhecimentos necessários à prática docente, mas dependem também do compromisso em educar para uma prática voltada para a licenciatura que corresponda com as necessidades reais da prática educativa (TANI, 1996).

Nesse contexto, trato de alguns pontos importantes na formação do professor e em específico do professor de Educação Física.

2.1 Formação de professores.

A formação do professor é o processo de desenvolvimento de maneira reflexiva da prática pedagógica, é um conjunto de saberes e conhecimentos, tanto teóricos como práticos. É também um momento para se compreender qual o papel do professor na sociedade, suas funções relacionadas ao contexto em que está inserido e seu compromisso pedagógico.

A Universidade e, principalmente, junto a ela, o Professor Formador, tem um papel muito importante na formação profissional, pois é nesse local que o futuro professor adquire competências que serão fundamentais para a prática da profissão. O processo de formação do professor deve prepará-lo para que assuma papéis sociais relacionados ao bem coletivo e ao uso adequado e responsável dos conhecimentos e habilidades, como profissional e cidadão.

Podem-se destacar alguns pontos importantes a esse processo de formação: a técnica, que são os conhecimentos específicos; conhecimento profissional, aprofundamento; avaliação; ética e moral, que dizem respeito ao caráter, aos valores e as normas, dentro das dimensões pessoais e profissionais em um contexto social (NÓVOA, 1999). Conforme o referido autor, sobre os conhecimentos, a formação deve estimular uma reflexão crítica, não de simples aceitação, mas de internalização do conhecimento e um pensamento autônomo, que exige um investimento pessoal para a criação de uma identidade profissional, facilitando a (auto) formação. Deve ser levado em conta também o desenvolvimento da habilidade de agir como um intelectual transformador, usando uma pedagogia crítica, que gere mudanças significativas no ensino.

Refletir de forma crítica implica em não aceitar, mas também não refutar, toda informação recebida, e transformar essas informações em conhecimento e fazendo de certa forma que o acadêmico se aproprie desse conhecimento. As informações só se tornam

conhecimento quando são internalizadas, compreendidas e tenham alguma importância percebida e não sejam apenas aceitas. Mas, a compreensão das informações não é algo simples de se estabelecer. Fazem-se necessários outros conhecimentos inerentes à informação, que confirmam ou contradizem a mesma em acordo com significado dado a cada informação. Para isso, é necessário um pensamento crítico que depende das experiências e conhecimentos autônomos de cada um.

Cabe ao Professor Formador apontar os caminhos para que os Acadêmicos possam desenvolver seus potenciais como pensadores críticos e sejam participativos e geradores das transformações educacionais. Para que não sejam apenas reprodutores de informações, mas investigadores e produtores de novos conhecimentos. Para isso, se faz necessária uma transformação, também, nas práticas pedagógicas, para que possam acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo em geral, e possam suprir também as novas demandas educacionais.

A forma de pensar e desenvolver o conhecimento vai depender das experiências vividas e de como o sujeito interage socialmente e profissionalmente. E essas questões vêm associadas a um comportamento ético e moral.

Sobre ética, que é a forma que o profissional deve se comportar em seu meio social, o conceito de valores individuais é relativo, porém devem corresponder aos conceitos dos valores sociais. E a conscientização dessa correlação entre o indivíduo e a sociedade, e de como o professor assume essa questão, já dizia Cunha (1989), será um fator essencial para definir a formação.

Durkheim (2008) define a ética como fundamental importância quando fala de educação e formação, pois este é um tema transversal que todos os cursos de formação deveriam abordar. Pensar e refletir sobre a ética permite formar valores que norteiam o comportamento e a conduta do profissional, seja ele formador ou em formação. O conceito que cada um carrega sobre a ética determina seu modo de pensar e agir.

Já sobre moral, Durkheim (2008, p. 40), afirma que “consiste em um conjunto de regras que determinam nossa forma de agir e interagir em sociedade”. Conhecer esses valores é de suma importância para determinar a conduta profissional e, portanto, também a formação.

Segundo o autor, a moral está relacionada aos valores de cada época e são mutáveis. Em alguns momentos as questões de regras morais são questionáveis, como, por exemplo, em assuntos muitas vezes polêmicos, como a pena de morte e o aborto, nos quais diferentes perspectivas levam a contrariar ou defender estas questões.

Durkheim (2008, p. 42), diz que:

Dissemos que aqueles que não conseguem manter regularidade na conduta, que são indisciplinados, são moralmente incompletos. Entretanto, eles não desempenham um papel moralmente útil à sociedade? Por acaso Cristo não tinha um comportamento desregrado, assim como Sócrates e todos os personagens históricos cujos nomes estão vinculados as grandes revoluções morais pelas quais passou a humanidade? Se eles tivessem um sentimento de respeito muito vivo pelas regras morais vigentes, não teriam tentado transformá-las (DURKHEIM, 2008, p 66).

É evidente que com este exemplo não pretendo que os professores se tornem transgressores das regras morais vigentes e nem um novo Cristo ou Sócrates, mas exemplificar que a criticidade e interpretação sobre o certo ou errado, sobre o que é justo ou incorreto, vai influenciar de forma direta a conduta de cada um e, portanto, a forma como percebe e lida também com a formação, tanto a sua, quanto a de seus acadêmicos.

Ainda, em relação à questão dos valores,

Pode-se destacar como parte da formação profissional, entre outras, a compreensão da cidadania; a postura crítica e transformadora da sociedade; conhecer e valorizar a pluralidade social; saber ler e interpretar as diferentes fontes de informação; questionar a realidade a capacidade crítica para formular e resolver os problemas (CUNHA, 1989, p. 25).

Cada professor seleciona objetivos educacionais, organiza atividades, formula critérios de avaliação e determina procedimentos de atuação para cada tipo de situação. Mas, para isso, se faz necessário entender as possíveis dificuldades dos acadêmicos com relação aos conteúdos.

O contexto universitário vem se modificando com o passar dos tempos, os acadêmicos já não são mais os mesmos, o filho do pedreiro, do carpinteiro, da doméstica e de outras profissões dignas, embora humildes, passou a fazer parte deste contexto. A Universidade passou a receber acadêmicos de diferentes culturas, religiões, classes sociais e com diferentes vivências. Portanto, para atender essa nova demanda a formação também não poderá ser mais a mesma.

Nesse contexto, de permanentes mudanças, seja do perfil do acadêmico em formação ou na dinâmica do conhecimento e da pesquisa, as competências pedagógicas dos professores formadores são constantemente desafiadas, pois os estudos no campo da educação apontam para a necessidade de potencializar o indivíduo, ou seja, trabalhar a formação de professores respeitando a individualidade de cada um (MEIRIEU, 2002, p. 65). Afirma-se isso, pois se entende que cada indivíduo, tem perfis cognitivos diferentes, cabendo à universidade garantir uma educação que favoreça o desenvolvimento do potencial de cada um.

As universidades e os professores formadores devem proporcionar aos acadêmicos o desenvolvimento das potencialidades e aptidões, orientando-os da melhor forma para que não inibam seus potenciais e nem sobrecarreguem suas capacidades. O professor formador pode contribuir com sua sensibilidade e percepção para que os acadêmicos desenvolvam suas habilidades, tanto físicas como intelectuais, influenciando diretamente na melhoria da formação.

Para que o Professor Formador não seja apenas um transmissor de conhecimento, e que seus acadêmicos não sejam apenas reprodutores do conhecimento, mas que possam interpretar, criar e refletir com senso crítico, o estímulo do Professor Formador é crucial. Esse estímulo pela busca do conhecimento, pela produção científica e pela criatividade, poderá ser fonte de novos saberes que poderão agregar qualidade ao ensino e às novas pesquisas. Dessa forma,

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades (LIBÂNEO, 1994, p.250).

Levando-se em consideração que faz parte da prática docente do Professor Formador entender e suprir as dificuldades e necessidades de seus acadêmicos, que constantemente deve buscar e produzir novos conhecimentos pode-se verificar que a formação do professor será sempre inacabada e contínua. Para que o professor possa acompanhar as mudanças econômicas e as transformações sociais, que são cada vez mais rápidas se fazem necessárias também, mudanças na formação e na construção do perfil desse professor.

Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, publicadas em 9 de julho de 2010, advertem que:

Art 58 - A formação inicial, nos cursos de licenciatura, não esgota o desenvolvimento dos conhecimentos, saberes e habilidades referidas, razão pela qual um programa de formação continuada dos profissionais da educação será contemplado no projeto político-pedagógico (BRASIL, 2010, p 16.)

O verdadeiro estímulo deve ser a geração do conhecimento, a busca pelo novo, a curiosidade em pesquisar, investigar e produzir novos conhecimentos. Nos dias atuais, as mudanças ocorrem em grande velocidade, são novos conhecimentos sendo descobertos a todo instante. O que antes se pensava ser correto na educação em pouco tempo passa a ser considerado insuficiente, ou o que antes era ignorado descobre-se que acarreta em muitos benefícios.

Em vista disso,

A geração desse conhecimento pedagógico (especialista, especializando...) tem sido objeto de pesquisa nas últimas décadas. As mudanças no meio social e científico, a escolarização maciça, a melhor formação do professor e o acesso democrático à educação exigem um novo modo de ver a função do professor (IMBERNÓN, 2011, p. 111).

Outra questão é o uso das tecnologias, em que a forma de comunicação, antes mais verbalizada, agora abre espaço para um processo educacional mais dinâmico e até mesmo mais participativo. O uso das tecnologias da informação e da comunicação, e pode-se citar dentre eles, em especial, os recursos da internet, nomeadamente os da Web 2.0, que vem complementar uma nova e contemporânea prática de ensino.

Segundo Búrigo e Loch (2006)

As inovações tecnológicas invadem nosso cotidiano de forma avassaladora, tornando-se, com o passar de um curto espaço de tempo, algo altamente habitual e teoricamente indispensável em nosso dia-a-dia. O desenvolvimento tecnológico não se restringe apenas a novos equipamentos e produtos para determinados usos, mas altera comportamentos e o modo de o homem se posicionar perante o mundo (p 65).

Os comportamentos dos acadêmicos também se modificam de forma muito rápida. Há alguns anos atrás, as aulas eram centradas apenas no professor, se este ensinava algo que não fosse totalmente correto, os alunos aceitavam sem muitos questionamentos ou outras confirmações, mas nessa nova geração, em que a informação está em toda parte, seja na televisão ou na internet, onde temos acesso a todo tipo de informação sobre qualquer lugar do mundo, os acadêmicos já estão munidos de outras fontes, e passam a questionar mais as falas do professor.

Isso, de certa forma, pode e deve estimular o Professor Formador na busca de melhor aperfeiçoamento. Sem querer atribuir à ideia de que antes o professor formador não necessitava de tanto conhecimento, mas agora as fontes de informação são muitas e não apenas o conhecimento do professor. O Professor Formador não pode mais se considerar o detentor do conhecimento. Ele precisa se reorganizar, deixando de lado o papel de transmissor de conhecimento e assumindo funções de reconstrução, mediação e formação de novos conhecimentos.

É preciso compreender também que a função principal do Professor Formador não é apenas ministrar a aula ou desenvolver os conteúdos, mas garantir a apropriação do conteúdo, orientação e intermediação de novos conhecimentos junto ao acadêmico. Para que isso aconteça, tanto Professor Formador quanto acadêmico, deverão estar estimulados a isso.

As Tecnologias da Informação e da Comunicação podem contribuir significativamente nesse aspecto, cabendo ao professor conhecer e avaliar o potencial das diversas mídias ao seu alcance e oportunizar o uso consciente por seus estudantes com o objetivo de envolvê-los e apoiá-los na construção de conhecimentos significativos.

No entanto, Monteiro (2013, p. 89) alerta que não é suficiente reconhecer a importância e levar a tecnologia para a sala de aula, mas é necessário que o professor mude as suas concepções de ensino para que ocorra uma aprendizagem adequada ao contexto atual. Para que uma aprendizagem significativa ocorra é necessário que a construção do conhecimento se dê por meio da pesquisa.

Para refletir sobre a interação entre Professor Formador e acadêmico em formação na pesquisa, podem-se utilizar os estudos de Kincheloe (1997, p. 187) que já apresentava uma lista de benefícios cognitivos que se pode alcançar através da vivência chamada “pesquisa-ação”, pois a mesma:

- Leva-nos ao reino crítico da produção do conhecimento, porque ela nos induz a organizar as informações e a interpretá-las;
- Focaliza nossa atenção no pensar sobre o nosso pensar, porque exploramos nossa própria construção da consciência, nossa auto-produção;
- Cria uma orientação analítica para o nosso trabalho;
- Ajuda-nos a aprender a ensinar a nós mesmos;
- Melhora nossa habilidade para nos engajar numa acomodação emancipatória;
- Cultiva a empatia com os alunos e colegas;
- Nega a confiança nos procedimentos do pensamento;
- Tenta melhorar o pensamento ao entendê-lo como simplesmente um aspecto da existência cotidiana (KINCHELOE, 1997, p. 188).

Esse é o grande desafio do professor, para o futuro da educação; não ser mais o detentor do saber, mas o de se perceber em constante aprendizado e aprender junto com o aluno. E, mais do que isso, estimular também o seu aluno a ser um pesquisador. Em síntese, a educação deverá estar centrada na aprendizagem do aluno.

A prática da pesquisa-ação é uma condição importante para a formação, tanto do acadêmico como do Professor Formador, considerando a formação inicial e continuada. Essa prática quando constante permite ao professor pesquisador criar novos conhecimentos, mudar e reorganizar sua prática pedagógica, orientar e intermediar o conhecimento.

Franco (2009, p. 167) fala da “pesquisa-ação e suas possibilidades de transformação dos sujeitos e das práticas docentes, estou pressupondo essa prática que está posta como ressonância das mediações entre o sujeito e suas circunstância”.

O Professor Formador não tem uma tarefa fácil, pois além do conhecimento teórico e prático, também é necessária a compreensão do seu acadêmico em formação e de como

inspirá-los a produzirem conhecimento. Educar é mais que apenas transmitir conhecimento, educar é estimular o educando a buscar o conhecimento, educar é ensinar e aprender enquanto ensina, estimulando o raciocínio lógico e aprimorando o senso crítico, físico e moral.

Ensinar constitui a atividade principal na profissão do docente e por isso deve ser compreendida como uma “arte” que envolve aprendizagem contínua e envolvimento pessoal no processo de construção permanente de novos conhecimentos e experiências educacionais, as quais preparam o docente para resolver novas situações ou problemas emergentes no dia a dia da escola e da sala de aula. Considerar o docente como “eterno aprendiz” (DUK, 2005, p. 22).

É essencial formar um “novo professor” que seja capaz de compreender as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e construir conceitos que permitam analisar e entender as dimensões pedagógicas presentes nas relações sociais de forma produtiva, de modo a identificar novas demandas da educação e a que interesses elas estão vinculadas. Marques (2003) levanta questões sobre a relação da formação do educador, na busca da identidade profissional, revelando sua trajetória histórica, apreendendo o domínio técnico-científico, pedagógico e ético, levando em consideração os interesses da comunidade escolar e da sociedade brasileira. Uma das problematizações levantadas por Marques (2003) é a questão da formação do educador de forma contextualizada, coletiva e articulada às transformações estruturais e conjeturais da sociedade.

Em parte, é responsabilidade do Professor Formador, a formação acadêmica do futuro professor, e cabe a ele determinar o que será ensinado, como será ensinado, as condições de prática e assim por diante. Cunha (1989, p.31), fala que “a concepção de ensino e as práticas realizadas pelo professor certamente terão de ser diferenciadas conforme os objetivos se direcionem à internalização ou a conscientização”.

Para tanto, é necessário um conjunto de relações interativas que envolvem uma série de funções dos professores que tem como ponto de partida o planejamento. E um ensino onde seus objetivos sejam a vivência e produção do conhecimento, mais uma vez por intermédio da pesquisa-ação.

Muitos autores falam sobre estas funções, mas cita-se aqui Zabala (1998), que caracteriza essas funções da seguinte maneira:

- a) Planejar a atuação docente de uma maneira suficientemente flexível para permitir a adaptação às necessidades dos alunos em todo o processo de ensino/aprendizagem.
- b) Contar com as contribuições e os conhecimentos dos alunos, tanto no início das atividades como durante sua realização.
- c) Ajudá-los a encontrar sentido o que estão fazendo pra que conheçam o que têm que fazer, sintam que podem fazê-lo e que é interessante fazê-lo.

- d) Estabelecer metas ao alcance dos alunos para que possam ser superadas com os esforços e a ajuda necessários.
- e) Oferecer ajudas adequadas, no processo de construção do aluno para os progressos que experimenta e para enfrentar os obstáculos com os quais se depara.
- f) Promover atividade mental autoestruturante que permite estabelecer o máximo de relações com o novo conteúdo, atribuindo-lhe significado no maior grau possível e fomentando os processos de meta-cognição que lhe permitam assegurar o controle pessoal sobre os próprios conhecimentos e processos durante a aprendizagem.
- g) Estabelecer um ambiente e determinadas relações presididos pelo respeito mútuo e pelo sentimento de confiança, que promovam a autoestima e o auto-conceito.
- h) Promover canais de comunicação que regulem os processos de negociação, participação e construção.
- i) Potencializar progressivamente a autonomia dos alunos na definição de objetivos, no planejamento das ações que os conduzirão a eles e em sua realização e controle, possibilitando que aprendam a aprender.
- j) Avaliar os alunos conforme suas capacidades e seus esforços, levando em conta o ponto pessoal de partida e o processo através do qual adquirem conhecimento e incentivando a auto-avaliação das competências como meio para favorecer as estratégias de controle e regulação da própria atividade (ZABALA, 1998, p. 92).

Daí o cuidado que se deve ter sobre a independência pedagógica e responsabilidade profissional que além “do que” e “de como” será ensinado é preciso verificar “para quem” e o “para quê” ensinar. Essa reflexão deve iniciar na formação, durante a graduação, e continuar por toda a vida profissional. No processo de identidade pedagógica, a utilização das abordagens pedagógicas utilizadas pelos Professores Formadores terá uma relativa influência na formação do acadêmico.

Segundo Sacristán (2001),

Não podemos educar o vazio se não com nutrientes culturais; tampouco podemos educar para o vazio ou para uma sociedade inexistente, mas sim para habilitar sujeitos a entender e a participar de sua cultura, das atividades da sociedade, da contemporaneidade de seu mundo, de seu país e de seu tempo (p. 28).

Além de ensinar os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, o Professor Formador ainda tem a responsabilidade de ensinar o “como ensinar”. Mesmo que acreditemos que não haja uma receita pronta, ou uma cartilha de como se dá esse processo, o ponto principal parece ser o exemplo e, nesse ponto, a relação que se forma entre o Professor Formador e o Acadêmico terá uma influência significativa no processo de formação.

Na formação do professor é preciso pensar também sobre qual é o seu papel na educação e compreender as competências e suas inserções na sociedade. Tardif e Lessard (2009) argumentam sobre esses conhecimentos e competência em vários campos, tais como:

Cultura geral e conhecimentos disciplinares; psicopedagoga e didática; conhecimento dos alunos, de seu ambiente familiar e sócio cultural; conhecimento das dificuldades de aprendizagem, do sistema escolar e de suas finalidades;

conhecimento das diversas matérias do programa; das novas tecnologias da educação e da informação; habilidades na gestão de classe e nas relações humanas, etc. (p. 09).

A formação do professor deverá estimular a continuidade da formação para que possa suprir as necessidades do futuro profissional, dentro do contexto social e cultural brasileiro, para que o mesmo possa refletir e se comprometer para contribuir na formação de uma sociedade melhor. Baumgartner (2001, p. 36), afirma que a educação tem o potencial de transformar vidas por meio da aquisição e utilização de conhecimentos e habilidades. Isso tem repercussões sobre o que se espera da formação profissional, pois necessita considerar que deverá capacitar acadêmicos e professores para a participação coletiva em assuntos relacionados com os conhecimentos da Educação Física que apresentam implicações na sua qualidade de vida e na qualidade de vida em geral.

2.2 Formação de professores de Educação Física

Mesmo com pontos em comuns com outras áreas, a formação do professor de Educação Física tem suas peculiaridades. A partir dos anos 80, muitos pesquisadores da área vieram do exterior para melhorar a Educação Física. Trouxeram novas ideias relacionadas com a educação, o que melhorou o conceito do professor de Educação Física, e contribuiu para tornar este um profissional da educação.

Com a Lei 9696/98 (BRASIL, 1998) houve a regulamentação do profissional de Educação Física, mas, apenas em 2004, é que ocorreram mudanças nas Diretrizes Curriculares Nacionais. Ocorreu a criação do curso de bacharelado mudando os currículos dos cursos de preparação profissionais em Educação Física separando o professor (licenciado), para trabalhar no âmbito escolar, do profissional (bacharel), para atuar em programas de atividades físicas, tanto em academias, como em treinamentos desportivos, por exemplo.

Antes dessas mudanças acontecerem, a Educação Física mesclava, em seu currículo, ambas as formações e habilitava legalmente para os diplomados assumirem esses dois mercados. Na prática, as ações pedagógicas se voltavam mais para o processo esportivo (treinamento na escola) e pouco para o processo de escolarização (aprendizagem). Mesmo formando profissionais que atuariam como professores dentro das escolas, os cursos de formação atuavam também na formação do profissional para atuar fora do contexto escolar, que obtinha mais força social.

Porém, para comprovar se o resultado dessa separação realmente proporcionará uma melhor qualidade no ensino e na formação acadêmica, ainda serão necessárias muitas pesquisas e reflexões. É preciso considerar que a maioria dos Professores Formadores, específicos da Educação Física, tiveram sua formação fundamentada pelo currículo antigo, que trataremos aqui como Formação Generalista. No entanto, para os fins dessa investigação levaremos em conta apenas a formação do professor de Educação Física que corresponde ao objetivo deste trabalho, que é a Licenciatura.

Um questionamento da sociedade era se os cursos de formação e os Professores Formadores “davam conta” de formar o licenciado e o bacharel em um único curso. O que se percebeu nas escolas era a falta de preparo de alguns professores de Educação Física que pareciam confundir o papel que desenvolvem dentro das escolas, principalmente no ensino fundamental. Eles direcionam as aulas para as práticas esportivas ignorando os desenvolvimentos básicos das habilidades motoras (CAUDURO, 2007, p 7).

O professor de Educação Física, além de aplicar o conhecimento teórico, deve assumir uma postura e ter atitudes que transformem positivamente o sistema educativo brasileiro proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) e que correspondam significativamente no desenvolvimento das pessoas e da sociedade. O que acontece nas escolas é que se vê um distanciamento entre os PCNs, que servem de referência profissional, e as metodologias utilizadas (SACRISTÁN, 2001, p. 32). Os professores devem permitir aos alunos terem acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania (BRASIL, 1998), porém, isso, nem sempre acontece.

Para Medina (1983, p. 245), por exemplo, “[...] os licenciados em Educação Física, além de terem poucas noções sobre a finalidade da Educação e da Educação Física no ensino formal, supervalorizam a competição, o resultado e a vitória, objetivos próprios do esporte”. Ainda, utilizando a ideia de Medina (1983, p. 67), as relações entre a Educação Física e o esporte são geradoras de tensões já que se constituem em dois universos simbólicos distintos, nem sempre compatíveis. Fica evidente a tentativa dos cursos de formação de professores de Educação Física, de se distanciar do esporte competitivo e se voltar para uma formação mais humanista, (que vise à formação integral do aluno), mas na prática não é bem isso que se percebe.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física.

Em relação ao âmbito escolar, a partir do Decreto n. 69.450, de 1971, considerou-se a Educação Física como “a atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando”. A falta de especificidade do decreto manteve a ênfase na aptidão física, tanto na organização das atividades como no seu controle e avaliação (BRASIL 1997, p 16).

Mas, o que parece ainda mais grave, é que se percebe certo abandono da Educação Física nas escolas, onde pior do que se trabalhar o treinamento apenas, é ‘largar a bola e deixar jogar’. Muitos professores, além de não trabalharem o intelecto de seus alunos, passam a ser cuidadores ao invés de professores.

Além disso, a pouca valorização e até mesmo o preconceito sofrido pelos professores de Educação Física, pela sociedade e pelos órgãos governamentais, pode ser relacionado com falhas na formação do professor, que voltado para a competição, resultados e vitórias fazia da aula um treinamento desportivo, próprio de escolinhas de treinamento, deixando de lado o desenvolvimento intelectual e motor das crianças. Ou até mesmo, às vezes, por influencia dos professores mais “experientes”, sem preocupação nenhuma com as aulas.

Sobre a valorização do professor de Educação Física, Cauduro (2007) afirma que:

Ao longo do tempo, a Educação Física recebeu restrita atenção dos órgãos governamentais, pois era tida como mera prática de atividades esportivas desvinculada de qualquer compromisso com a filosofia da educação e com o projeto pedagógico da escola. O mais crítico ainda era que o seu responsável direto, o professor, também a considerava assim (p.14)

Essas atenções eram voltadas para os “resultados”, que a sociedade espera da educação. Sem um conhecimento mais profundo da função da Educação Física, a sociedade percebe a mesma como formadora de atletas. O que para muitos é dispensável no âmbito escolar e para outros é uma falha, pois poucos alunos realmente se tornaram atletas profissionais, mas todos precisam desenvolver habilidades psicomotoras e praticarem atividades físicas voltadas à saúde.

Na tentativa de separar treinamento de aula, a principal mudança foi à separação do curso de graduação em educação física em licenciatura e bacharelado, mas difícil é abandonar uma cultura impregnada na sociedade, em que as aulas de Educação Física só servem para a prática esportiva, e muitas vezes sem orientação. Para Righetti (2016, p. 98), essa cultura vai de encontro aos resultados de estudos que envolvem neurociência e que têm mostrado evidências importantes que relacionam a prática regular de exercícios ao desempenho acadêmico.

Em outras palavras, o investimento de mais tempo na quadra de esportes poderá significar melhores notas na escola. A autora cita Lent, que trabalha com plasticidade e evolução do cérebro na UFRJ, ao afirmar que uma série de estudos recentes mostram que exercícios físicos melhoram a memória e até a produção de novos neurônios no hipocampo – área do cérebro responsável pela aprendizagem.

Na contramão desses estudos, historicamente, na Educação Física brasileira, principalmente, a partir da década de 1970, as políticas públicas, nomeadamente a federal, têm o foco na Educação Física escolar ligada ao esporte, sendo, em muitos casos, orientado pelos órgãos do sistema esportivo. Ao componente curricular Educação Física é colocada à tarefa de condicionar o esporte de rendimento, como base da pirâmide, com o discurso mascarado da saúde e da educação (CAPARROZ, 1997, p. 77).

Já na década de 80 de acordo com os PCNs:

O campo de debates se fertilizou e as primeiras produções surgiram apontando o rumo das novas tendências da Educação Física. A criação dos primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física, o retorno de professores doutorados fora do Brasil, as publicações de um número maior de livros e revistas, bem como o aumento do número de congressos e outros eventos dessa natureza foram fatores que também contribuíram para esse debate (BRASIL, 1997, p 16)

Não se pode negar que a Educação Física tem avançado com relação à superação dos modelos tecnicistas que visam apenas o resultado e a preparação física, deixando de lado o desenvolvimento psicomotor. Mas, ainda, se reproduz muito a competição e aulas voltadas para o esporte.

Segundo Maturana (2002, p. 5), quando se quer convencer alguém de que nossas ações estão corretas, busca-se argumentos em toda uma série de concepções já incorporadas, sobre as quais já nem sequer se reflete; simplesmente são repetidas com certeza e convicção. Por isso, a questão da competição dentro das aulas de Educação Física escolar ainda é um difícil desafio de ser superado.

Esse desafio já conta com, a intenção de formar professores de Educação Física com uma visão mais humanística, mas como a separação entre bacharéis e licenciados é relativamente recente, ainda é necessário mais estudos para que se tenha conhecimento das reais mudanças que virão a ocorrer.

É necessário que além das manobras, para mudar a formação dos professores de Educação Física, tanto das políticas educacionais e também as desportivas, o professor (os em formação e também os já atuantes) percebam que são eles a peça fundamental para que, cada vez mais, a Educação Física escolar seja reconhecida como fundamental na formação integral

das crianças e adolescentes e não mero treinamento desportivo. Para tanto, é necessária a percepção deste conceito, principalmente, do Professor Formador.

Outro aspecto para que o professor se sinta preparado para atuar na sua profissão é preciso que tenha, além do conhecimento do conteúdo, um entendimento da realidade no campo de atuação. Os saberes da experiência, por exemplo, constituem uma das partes essenciais na formação do professor e precisam ganhar maior relevância na definição dos currículos, pois é a criação do saber próprio do professor, obtido através da interação com demais saberes, com outros sujeitos e com a realidade da profissão.

Com relação aos saberes das disciplinas: para que esses saberes tenham sentido é preciso que sejam aplicados na prática, caso contrário, o professor passa a ser apenas um coordenador recreativo, que dá a bola para seus alunos e os deixa jogar. E, para isso, não seriam necessários todos os anos em que passou estudando para sua formação (CAUDURO, 2007, p. 16). Portanto, é fundamental que o Professor Formador, também conheça e entenda a realidade em que o acadêmico estará inserido quando diplomado para que possa direcionar sua formação, de modo que corresponda às necessidades da prática docente.

Atualmente, o profissional de Educação Física tem como missão dois grandes desafios. O primeiro refere-se ao fato de ter que trabalhar muitas vezes, em precárias condições estruturais de muitas escolas, com baixos salários, com a falta de recursos financeiros e até mesmo de materiais, entre outros. O segundo é a nova proposta de inserção da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - BRASIL, 1996) e dos PCNs (BRASIL, 1998) para se atuar nos anos iniciais, nos quais a Educação Física, até então, não preparava para atuar, pois, a formação focava apenas para as séries finais do Ensino Fundamental. Percebe-se, então, que nem sempre a realidade escolar corresponde com a proposta na formação docente.

Quanto mais o Professor Formador conseguir aproximar a formação do acadêmico com a realidade que este enfrentará na sua profissão, maiores serão as chances desse profissional ser bem sucedido na sua atuação. Dessa maneira, espera-se que esteja preparado para atuar em qualquer diversidade.

Segundo Sacristán (2001, p. 79), para verificar quais são as atitudes dos professores dependerá de como ocorreu a sua formação pedagógica, seus conhecimentos e habilidades, como a sociedade o valoriza e o considera, seu comprometimento com a ética e de qual é a percepção que tem de si mesmo com relação a sua profissão e o seu papel como educador.

Tudo isso tem como base a formação inicial e a relação que teve com os Professores Formadores. Não como reprodutores de conhecimento, mas como exemplos práticos de atuação docente. A atuação do Professor Formador servirá de base e experiência docente para o futuro acadêmico. O comportamento e a atitude que o Professor Formador tiver em sala de aula, além da interação com o Acadêmico, será fator de influência na formação do futuro professor.

Para exemplificar esse exemplo que o professor transpassa ao acadêmico, cita-se Freire (1996).

Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. (...) O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelo aluno sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres (FREIRE, 1996, p.73).

Cabe ainda, ressaltar que a Universidade através do Professor Formador, deve proporcionar ao acadêmico em formação, meios para que este desenvolva a habilidade de agir de forma intelectual e transformadora, através de uma pedagogia crítica, que gere mudanças significativas no ensino da Educação Física.

Não basta que se modifique apenas o currículo, mas é necessário que se mude a forma de pensar a atuar na formação docente, aqui mais em específico, a formação do Professor de Educação Física. Considerando que a maioria dos Professores Formadores são advindos de uma formação generalista (bacharel), essa nova tentativa de formação, específica ao professor (licenciado), só terá efeito positivo, se na prática o Professor Formador tiver esse entendimento e assumir essa posição de formar professores, e não mais bacharéis.

Para tanto é necessário que a formação deixe um pouco de lado o tecnicismo e amplie a parte pedagógica, não só nas disciplinas que tratam desse conteúdo, mas em todas as disciplinas do curso. Que possam estar voltadas para a prática da docência e não do treinamento desportivo.

As ponderações de Rezer (2014) explicitam essa recomendação.

O processo de formação inicial, mesmo que deva estar, necessariamente, atento à profissão e ao campo de trabalho, não pode andar atrelado às demandas do mundo do trabalho. Isso implicaria em um olhar atento, cuidadoso e curioso dos processos de formação inicial endereçados ao mundo do trabalho, que não se dilua neste âmbito, resguardando uma condição de (relativa) autonomia frente a esta conjuntura, o que significa a ampliação desta perspectiva (p. 77).

Diante disso, formar professores é uma missão que exige compreender o acadêmico, suas vivências, seus saberes e seus valores; conhecer a realidade do campo de atuação do futuro professor; prepará-lo para a pesquisa e a busca de novos conhecimentos; estimulá-lo a produzir conhecimentos sobre sua própria prática. Não só apenas conteúdos ou métodos, muito importantes para a prática docente, mas também como eternos ‘aprendentes’ e ‘ensinantes’.

Formar professores transformadores em meio a tantas mudanças que ocorrem constantemente requer domínios que vão além de uma simples prática docente. Requer do Professor Formador um trabalho voltado à formação de “novos” professores. E novos, não apenas no sentido de mais professores, mas de professores diferenciados e capacitados.

Para Búrigo e Loch (2006):

A formação do professor é um reflexo consciente do seu processo de formação, dos fundamentos de sua formação (processo objetivo da formação), e as relações que o professor estabelece com o seu trabalho são reflexo consciente dessa formação, que constitui o fazer acadêmico do professor. Por outro lado, essa formação também, em certo sentido, é determinada pela interação do professor com as condições existente de trabalho, a partir das possibilidades concretas, propiciadas ao professor pela sua formação (p. 67).

Diante disso, argumento que é preciso sempre ter presente que a formação de professores não se faz isoladamente, de modo individualizado. Porém, não se pode desconsiderar que as melhores oportunidades para o aperfeiçoamento da competência docente residem na busca individual por apoio, reflexões e estudo. Em vista disso, embora haja um trabalho coletivo, merece respeito a individualidade de cada um. É preciso que cada um dos integrantes seja visto como pessoa com história de vida única, em diferentes fases de formação ou de trajetória de vida. Contudo, esses indivíduos têm em comum a preocupação com a melhoria crescente da qualidade da educação e formação cidadã dos estudantes. Portanto, mais que olhar uns *para* os outros, deve-se olhar *com* os outros sobre a complexidade do processo ensino e aprendizagem no atual contexto sócio histórico, econômico e cultural no qual estão implicados (SCHEID & CASAGRANDE, 2007, p. 201).

Nos dias atuais, há pouco espaço para os acomodados, os desmotivados, os que simplesmente reproduzem e não transformam. Apenas os professores reflexivos, serão capazes de superarem os obstáculos do dia a dia e se encantar pela profissão e levar o acadêmico a se encantar também. Porém, essas mudanças são graduais e acontecem de dentro para fora. É preciso que os professores de Educação Física assumam suas dificuldades e

limitações; procurem soluções e tenham iniciativas para a mudança, tanto da sua prática docente, como das suas atitudes profissionais.

3. MÉTODO DA PESQUISA

3.1 Caracterizações da pesquisa

Diante da problemática de como ocorre à formação do professor de Educação Física na interação e contribuições do Professor Formador, têm-se como método de estudo a pesquisa qualitativa, descritiva, interpretativa por que se buscou verificar a percepção dos Professores Formadores com relação à formação profissional docente.

A pesquisa qualitativa é:

[...] aquela que procura explorar a fundo conceitos, atitudes, comportamentos, opiniões e atributos do universo pesquisado, avaliando aspectos emocionais e intencionais, implícitos nas opiniões dos sujeitos da pesquisa, utilizando entrevistas individuais, técnicas de discussão em grupos, observações e estudos documentais. É fundamentalmente subjetivo (CAUDURO, 2004, p. 20).

A escolha pela pesquisa qualitativa ocorreu tendo em vista que pode ser considerada a mais propícia para a proposta inicial deste estudo, que é a busca por respostas e o conhecimento “do quê” e “de como” pensam os Professores Formadores. E não poderiam ser medidas apenas numericamente, mas de forma subjetiva, contemplando questões significativas, que possam servir de entendimento para soluções de problemas e trazer maior qualidade para a formação do professor de Educação Física.

Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa busca aprofundar o marco teórico metodológico, necessário em qualquer pesquisa, fundamentando-se em autores por meio de livros, revistas científicas, artigos científicos, documentos, entre outros.

A pesquisa qualitativa, responde a questões muito particulares e, segundo Minayo (1994, p. 28) “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Segundo essa autora, a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, trabalha num universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Portanto, diz respeito a um espaço mais profundo das relações humanas.

Para Taylor e Bogdan (1998, p. 36), a abordagem qualitativa é um tipo de investigação que produz dados descritivos: as próprias palavras das pessoas participantes, assim como a sua conduta, são levadas em consideração na investigação. As pessoas, os cenários ou os grupos não são reduzidos a variáveis, são considerados como sujeitos participantes, atuantes no contexto próprio.

A escolha da metodologia qualitativa, nesta pesquisa, baseia-se, portanto, na busca da compreensão dos participantes envolvidos, na individualidade deles e na profundidade e riqueza dos aspectos a serem conhecidos ao longo da investigação. Para Taylor e Bogdan (1998), a abordagem qualitativa é um tipo de investigação que produz dados descritivos: as próprias palavras das pessoas participantes, assim como a sua conduta, são levadas em consideração na investigação. As pessoas, os cenários ou os grupos não são reduzidos a variáveis, são considerados como sujeitos participantes, atuantes no contexto próprio.

De acordo com Cauduro (2004), a pesquisa qualitativa exige do pesquisador um abandono de suas crenças próprias, suas perspectivas e predisposições, bem como a tomada de consciência acerca dos efeitos que ela pode causar sobre as pessoas, que são objeto de seu estudo e que são garantidas pelas técnicas de triangulação de dados da metodologia utilizada resultando em fiabilidade e credibilidade.

Na abordagem qualitativa, portanto, o investigador desenvolve conceitos, interpretações e compreensões a partir de dados coletados eticamente, pois os procedimentos se baseiam em conversas, narrativas e, principalmente, no ouvir. Esses procedimentos resultam do clima de informalidade que se estabelece, gerando a aproximação entre pesquisador e pesquisado. Entretanto, é importante ressaltar que essa proximidade irá exigir do pesquisador um cuidado especial, uma conduta ética, pois este deverá estar atento sempre ao foco inicial de sua pesquisa, conseguindo, assim, conduzir as conversas centradas no assunto da investigação (CAUDURO, 2004, p. 12).

3.1.1 Pesquisa de campo

Quanto à estratégia, optei pela pesquisa de campo, a qual, segundo Cauduro (2004, p. 13), implica um processo de investigação sistemática, que se caracteriza por uma análise detalhada, compreensiva e em profundidade a ser estudado; é uma investigação de natureza empírica e baseia-se no trabalho de campo, estuda uma situação em seu contexto real. Caracteriza-se ainda por ser um estudo intensivo, levando em consideração a compreensão, como um todo, do assunto investigado. Para Marconi e Lakatos (2010, p. 169), “A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

3.2 Instrumentos utilizados

A coleta de dados foi realizada através de instrumentos como entrevistas semiestruturadas e análise de documentos.

Segundo Birk (2004, p. 27) a entrevista, simplificada aqui como uma conversa entre duas pessoas, é um instrumento utilizado na coleta de dados, que possibilita obter informações desejadas para a pesquisa, de forma imediata, permitindo correções, esclarecimento e adaptações.

Ainda, de acordo com Birk (2004, p. 27), a entrevista semiestruturada parte de um esquema básico, seguindo um rigor metodológico. No entanto, não sendo uma entrevista fechada, permite ser adaptada até mesmo durante a sua realização.

Os documentos são grandes fontes de informação e fundamentam o texto do pesquisador, além da importância, quando junto com entrevistas, de fornecer a compreensão de regulamentos, costumes, opiniões, entre outros.

Esses documentos são escritos que já existem e que darão suporte na investigação. Com essas fontes foi realizada a triangulação dos dados para se chegar às considerações finais.

3.3 Análise dos dados

A análise dos dados foi feita através da triangulação das fontes (entrevistas, documentos e literatura) de informações comparando-as e contrastando-as com a literatura para maior compreensão dos fatos a fim de que um entendimento maior sobre o problema estudado fosse alcançado.

Segundo Cauduro (2004, p. 21), as principais formas de triangulações são: por fontes; interna; temporal; metodológica; espacial; teórica; reflexiva e de experts. Para a pesquisa foi utilizada a triangulação por fontes, utilizada para apurar informações com uma fonte mediante outra, através de um comparativo entre os relatos de diferentes participantes, incluindo também o do pesquisador, a triangulação metodológica aplicando diferentes métodos a um mesmo estudo, com a finalidade de validar os dados coletados e a triangulação de experts, pois esse trabalho foi entregue, para que fosse realizada a leitura, para especialistas no tema na banca da dissertação, para que fizessem suas avaliações, críticas e considerações.

3.4 Contexto

A pesquisa foi realizada com cinco Professores Formadores com formação na área da Educação Física e atuantes no curso de Educação Física – Licenciatura - da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen que se dispuseram voluntariamente a colaborar com a pesquisa. A coleta dos dados ocorreu no primeiro semestre de 2016, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da URI, Câmpus de Frederico Westphalen.

3.5 Considerações éticas

Para atender ao que exige a Resolução 466/2012, que trata sobre a pesquisa com seres humanos, o presente estudo foi submetido, para análise, ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da URI, Campus de Frederico Westphalen. O parecer de aprovação, de número 1.702.558, consta no anexo 1.

Para a realização da pesquisa foi solicitada a autorização do(a) responsável pela Coordenação do Curso de Educação Física (apêndice A).

Aos Professores convidados a participarem da pesquisa, foi fornecido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice B). As entrevistas (apêndice C) foram transcritas e devolvidas aos participantes para darem seu aval do prosseguimento das informações.

Todos os termos de consentimento e autorizações serão guardados por cinco anos e logo após esse tempo serão destruídos.

Esta pesquisa trará como benefício à reflexão para possíveis respostas para os problemas encontrados na prática pedagógica e na formação docente na Educação Física.

Foram usados nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente pelo pesquisador, para garantir o sigilo dos participantes.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Em pesquisas qualitativas, segundo Barbosa (1998), o volume de dados gerados, necessita organização e compreensão através de um processo contínuo, que é muito grandioso. Trata-se de uma tarefa importante no estudo, em que as informações são lidas, analisadas e ordenadas de acordo com categorias de significados, em que sua definição se efetua a partir de sua própria informação. Através desta organização de dados coletados, foi realizado o processo de análise e interpretação dos dados.

Após os dados serem coletados, conforme Cauduro (2004) iniciou-se a parte mais prazerosa e gratificante de toda a investigação, a “costura da colcha de retalhos”: O processo de análise e interpretação das informações, que se realiza através da triangulação. A análise foi dividida em três níveis: primeiro nível – dados coletados; segundo nível – unidades e categorias e o terceiro nível – a triangulação.

4.1 Primeiro nível de Análise - dados coletados

Nesta primeira fase de análise, os dados coletados foram reunidos, agrupados por natureza e classificados com códigos de identificação.

No total foram realizadas cinco entrevistas com os professores formadores, as quais foram assim classificadas com os seguintes códigos:

Quadro 1: Professores entrevistados.

Entrevista	Pseudônimo	Arquivo de Gravação
E1	Remi	Rec 01
E2	Gabriela	Rec 02
E3	Elenita	Rec 03
E4	Leoni	Rec 04
E5	Jair	Rec 05

Além das entrevistas e observações, também foram utilizados documentos considerados importantes para este estudo.

Quadro 2: Documentos analisados

Código	Documento
Doc1	Projeto Político Pedagógico do curso de Educação Física da Universidade Regional Integrada Do Alto Uruguai e das Missões – Frederico Westphalen.
Doc2	RESOLUÇÃO CNE/CES 7, de 31 de março de 2004 Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena.

4.2 Segundo nível de Análise - unidades e categorias

Nesta etapa, levantei em todas as fontes de informações adquiridas, unidades que tinham significados relevantes para o assunto estudado. Foram encontradas em um primeiro momento 35 unidades de significado, que após outra verificação, onde unidades com significado parecidas foram agrupadas, este número foi reduzido para 20, sendo estas as mais significativas.

1. Valores éticos
2. Respeito à capacidade do acadêmico
4. Limites
5. Troca de saberes
6. Conteúdo
7. Amadurecimento
8. Influência profissional
9. Domínio de conteúdo
10. Aprendizagem do acadêmico
11. Didática
12. Avaliação
13. Dedicção do acadêmico
14. Teoria e prática

15. Formação continuada
16. Prática docente
17. Responsabilidade
18. Acadêmicos
19. Competências do professor
20. Desenvolvimento

Após detectar as unidades, foram determinadas, a partir delas, duas categorias principais com duas subcategorias de estudo em cada uma, que auxiliaram na compreensão do estudo.

Quadro 03:

Professor formador	Professor em formação
Competências profissionais	O acadêmico na visão do professor formador
O professor formador como inspiração	Relação com os acadêmicos

4.3 Terceiro nível de Análise - a costura

Neste nível, se deu a análise propriamente dita. Entrevistas, documentos e referencial teórico se entrelaçaram constituindo assim um grande quadro interpretativo.

4.3.1 Professor formador

Nas entrevistas realizadas, nota-se que o entendimento tido pelos professores formadores da sua relação com os acadêmicos dar-se por meio da sua postura e competência profissional.

Cada Professor Formador seleciona objetivo, organiza atividades, formula critérios de avaliação e determina procedimentos de atuação para cada tipo de situação, desde que de pautado na legislação do Conselho Nacional da Educação RESOLUÇÃO N° 7, de 31 de março de 2004, e levando em consideração as possíveis dificuldades dos acadêmicos com relação aos conteúdos, habilidade essa que se adquire com a convivência na prática. Em BRASIL (1997), esta questão é abordada: “as características individuais e as vivências

anteriores do aluno ao deparar com cada situação constituem o ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem”.

Percebesse que o foco dos Professores Formadores está voltado para o domínio de conteúdo e formação continuada. Além das vivências e atuações profissionais, que servem de exemplo e inspiração para os acadêmicos. Em relação ao domínio do conteúdo pode-se citar Gauthier et al. (1998, p. 11) para quem “o saber disciplinar é fundamental. Embora o professor não produza esse saber, ele precisa extrair o saber produzido por pesquisadores para ensinar. Portanto, “ensinar exige um conhecimento do conteúdo a ser transmitido, visto que, evidentemente, não se pode ensinar algo cujo conteúdo não se domina”. Se isso não ocorrer, Balzan (1991) adverte que qualquer tentativa de formação docente que não levar em consideração esta condição, resultará em pseudo-inovação. O amplo domínio de conteúdo também foi encontrado como resultado significativo na pesquisa realizada por Pachane (2012) ao indagar estudantes de licenciatura sobre as características de seus melhores professores universitários.

4.3.1.1 Competências profissionais

De acordo com Nóvoa (1999), podem-se destacar cinco pontos importantes no processo de formação: a técnica, que são os conhecimentos específicos; conhecimento profissional, aprofundamento; avaliação; ética e moral, que dizem respeito ao caráter, aos valores e as normas, dentro das dimensões pessoais e profissionais em um contexto social.

Conforme o referido autor, em relação aos conhecimentos, a formação deve estimular uma reflexão crítica e um pensamento autônomo, que exige um investimento pessoal para a criação de uma identidade profissional, facilitando a (auto) formação. Deve ser levado em conta também o desenvolvimento da habilidade de agir como um intelectual transformador, usando uma pedagogia crítica, que gere mudanças significativas no ensino.

Na RESOLUÇÃO N° 7, de 31 de março de 2004 é abordada a questão do desenvolvimento e aquisição de algumas competências e habilidades, necessárias na formação do acadêmico. Entre elas:

Dominar os conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais específicos da Educação Física e aqueles advindos das ciências afins, orientados por valores sociais, morais, éticos e estéticos próprios de uma sociedade plural e democrática (Doc 2).

Alguns professores formadores, como Remi e Gabriela, veem o conteúdo como principal ponto da aprendizagem do acadêmico, e estão sempre em busca de aperfeiçoamento.

Bom em primeiro lugar para ser um professor formador o professor tem que dominar o seu conteúdo tem que entender da sua área. Então eu acredito que para eu ser um bom professor formador eu tenho que estar bem preparado, bem preparado em questão de conteúdo saber o que eu estou falando e bem preparado no sentido de fazer os indivíduos entenderem o conteúdo, então é aquilo que a gente fala de saber transmitir, então uma coisa é eu dominar o conteúdo a outra coisa é eu fazer com que esse conteúdo que eu domino entre na cabeça do aluno e eu acredito que essas duas coisas é principal para um professor formador então eu acredito que eu como professor formador eu devo estar bem preparado em termos de conteúdo e em termos didáticos para que eu consiga fazer com que as pessoas saiam daqui formadas. (E1)

Eu como professora procuro ficar sempre buscando mais conhecimento teórico, com relação ao conteúdo porque eu acredito que eu tenho muita experiência prática e como estou em formação também procuro buscar bastante a teoria para embasar essa prática. (E2)

Outros professores colocam o acadêmico como o centro do aprendizado e seja através do exemplo ou da formação, a preocupação esta em o acadêmico ter o máximo de proveito nesse processo. Como se pode identificar nas falas de Elenita e Leoni, respectivamente.

Como professora formadora então a gente procura seguir as bases curriculares, procura dar bons exemplos, procura ter uma atuação que seja cada vez melhor, então sempre procurando identificar os nossos pontos fracos, porque a gente tem muitos, e sempre melhorar cada vez mais, procurar fazer com que o aluno tenha aquela base teórica de conhecimentos aqui que vão ser consolidados na vida profissional dele, como professor formador eu tenho uma grande responsabilidade porque vou estar formando pessoas que vão formar outras pessoas, então eu procuro dar o melhor de mim sempre por que é uma característica minha, pra que eles também quando estiverem atuando e influenciando outras pessoas que eles procurem dar o melhor deles também, acho que é isso (E3)

Bom como professora formadora a gente tem que estar sempre dialogando refletindo sobre saberes sobre decência sobre educação, que é um tema bem polemico e estar sempre em constante atualização, inovando sempre pensando no aluno como centro dessa formação e sempre fazendo aquela perguntinha muito especial que eu acho, que profissional nós queremos formar? Então é um desafio constante como professor formador (E4)

Em parte, é responsabilidade do professor determinar o que será ensinado - conceitos e conteúdos; como será ensinado – método e abordagem; as condições de prática e assim por diante. A importância do saber curricular e do saber das ciências da educação, conforme Gauthier et al. (1998) é crucial para a atuação docente. Segundo os autores, o professor deve conhecer o programa que lhe serve de guia para planejar e para avaliar. Este saber não é produzido pelo professor, mas por outros agentes. Já o segundo saber, é adquirido durante a formação profissional inicial ou continuada. Embora não ajude o professor diretamente a

ensinar, informa-o sobre várias facetas de sua carreira docente ou da educação de modo geral. Cunha (1989 p.31), fala que “a concepção de ensino e as práticas realizadas pelo professor certamente terão de ser diferenciadas conforme os objetivos se direcionem à internalização ou a conscientização”.

Daí o cuidado que se deve ter sobre a independência pedagógica e responsabilidade profissional que além do “para quem” é importante se verificar “o quê” e “para quê” ensinar. Nóvoa (2012) traz um novo conceito para caracterizar o trabalho docente, diferente das tradicionais listas de competências que segundo o autor já estão saturadas. Esse autor utiliza as ideias de Alain (1986) e de Bachelard (1934) para estabelecer uma profissionalidade docente que não pode deixar de se construir no interior de uma personalidade do professor, com relação ao conhecimento.

O conhecimento. Aligeiro as palavras do filósofo francês Alain: Dizem-me que, para instruir, é necessário conhecer aqueles que se instruem. Talvez. Mas bem mais importante é, sem dúvida, conhecer bem aquilo que se ensina (1986, p. 55). Alain tinha razão. O trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem. Como escreveu Gaston Bachelard, em 1934, “é preciso substituir o aborrecimento de viver pela alegria de pensar” (cf. Gil, 1993). E ninguém pensa no vazio, mas antes na aquisição e na compreensão do conhecimento (NÓVOA, 2012, p. 3).

Nesse sentido, as falas dos professores são condizentes com o que se espera da formação acadêmica com relação ao conhecimento, prevista na RESOLUÇÃO N° 7, de 31 de março de 2004 e embasado por autores, pensadores da Educação.

4.3.1.2 O professor formador como inspiração

Além de ensinar o conteúdo, o Professor formador ainda tem a responsabilidade de ensinar o “como ensinar”. Mesmo que não haja uma receita pronta, ou uma cartilha de como se dá esse processo, o ponto principal parece ser o exemplo, e nesse ponto a relação que se forma entre o Professor Formador e o Acadêmico terá uma influência significativa no processo de formação.

As experiências vividas pelo Professor Formador, seja da sua formação ou na vida profissional, vão influenciar na sua prática pedagógica e conseqüentemente na formação dos acadêmicos. Para Gauthier et al. (1998), a experiência e o hábito estão intimamente relacionados. Embora o professor viva muitas experiências, das quais tira grande proveito, estas, infelizmente, permanecem confinadas ao segredo da sala de aula. O que limita esse

saber experiencial é o fato de que ele é feito de pressupostos e de argumentos que não são verificados por meio de métodos validados pela ciência.

Por outro lado, quando esse saber é tornado público, legitimado por pesquisas realizadas em sala de aula ou a partir dela, ele se torna o saber da ação pedagógica.

Nas entrevistas os professores relataram que tentam passar para o acadêmico as suas experiências pessoais na atuação profissional e com isso, estimulá-los a serem bons professores. Como visto na fala da professora Gabriela e do professor Jair.

Eu acho que a experiência profissional que eu já tive, influencia na formação deles, contar como está o campo de trabalho quais as possibilidades deles trabalharem o que eles podem fazer depois de formado (E2)

Alguma coisa a gente sempre passa pra eles, mas o fundamental, como eu não trabalho com tecnologia, com computador com isso com aquilo, raramente a não ser em aulas teóricas, passa a ideia pra eles do domínio de conteúdo, que a gente dá nas aulas práticas, pelo conhecimento que a gente tem pela experiência dos anos passados em determinados esportes, então eles vendo o professor dominar o conteúdo eles acreditam mais que qualquer outra coisa, porque um gesto substitui mil palavras e isso pra eles é fundamental. (E5).

Outros professores se sentem inspiradores na formação, pelos valores éticos que carregam consigo, e da maneira como se relacionam com os acadêmicos. Identificado nas falas de Remi, Elenita e Jair.

Bom eu particularmente gosto de influenciar numa maneira ética, ter uma influência ética do ponto de vista de fazer as coisas certas e esperar que eles façam a coisa certa, não gosto do jeitinho brasileiro, gosto das coisas de uma maneira mais correta, claro que existe bom senso pra tudo, mas de uma maneira bastante ética e eu procuro passar essa ética profissional pra eles também (E1)

Eu influencio da maneira que eu sou como pessoa e da maneira que eu sou como pessoa e sou como professora então eu procuro sempre agir de maneira natural e que o meu natural é ter muita responsabilidade, eu acho que a base da docência é o conhecimento, mas não é só ele, porque não tem só a dimensão técnica tem a dimensão ética que deve ser considerada, como responsabilidade, pontualidade ser justa (E3)

Em primeiro lugar pela postura, postura não só na sala de aula, isso tem que deixar bem claro que o professor, subentendesse que seja uma postura integral, de chegar mais cedo, sair na hora certa, estar uniformizado, hábitos saudáveis, esse tipo de coisa que serve como, influenciando a formação dos “atletas”, dos alunos da Educação Física, para mais tarde serem profissionais, e eles sempre se espelham na gente, queira ou não queira (E5)

Sobre as questões éticas na formação acadêmica também é prevista na resolução de 31 de março de 2004.

Art. 4º O curso de graduação em Educação Física deverá assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética. (Doc2)

Ainda sobre as questões éticas e a forma de se relacionar com os acadêmicos segundo Darido e Rangel (2008):

[...] aquele que se relaciona com os aspectos cognitivos ou intelectuais e o que se relaciona ao aspecto emocional e social; ambos se ligam, se entrelaçam e determinam como os alunos lidarão com o conhecimento. Isso significa que, além da capacidade de ensinar conhecimentos específicos, é também papel do professor transmitir de forma consciente ou não valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade (DARIDO; RANGEL, 2008, p. 109).

É possível perceber principalmente na fala do professor Jair (E5), que o pensamento tecnicista, quando cita “atletas”, e em seguida, corrige falando em alunos, ainda se encontra muito evidente na prática educativa desse professor. Isso mostra a dificuldade que alguns Professores Formadores têm em abandonar alguns preceitos já estabelecidos sobre a formação do Professor de Educação Física e que se encontra impregnada na sua postura profissional.

É evidente que os acadêmicos egressos, levam consigo o que consideram mais apropriados de cada Professor Formador. Além da postura e da ética, o incentivo e a forma como cada professor formador considera a profissão e busca se aperfeiçoar pode também influenciar o acadêmico. Essa percepção foi demonstrada por alguns professores formadores.

A influencia minha e das minhas disciplinas no acadêmico é a troca de saberes, a motivação que a gente tem que estar sempre motivando incentivando, e a paixão pela profissão mesmo que a gente transmite isso pra eles e buscando sempre respostas (E4)

Eles estão vendo uma professora que ta dando aula pra eles, mas que ta atuando, ta estudando, ta buscando, eu acho que isso influencia na formação deles assim, e procurar no campo de trabalho serem bons naquilo que eles vão fazer sabe, tipo mostrar, e eu sempre falo pra eles que quando eles se dedicarem no trabalho, eles serão sempre valorizados e reconhecidos na área. (E2)

A motivação dos acadêmicos para o estudo é importante, assim como a forma de mediar o conteúdo pelo Professor Formador. Dessa maneira ambos são responsáveis pelo processo de ensino aprendizagem, pois esse processo não é individual, mas sim um conjunto com a participação de todos, portanto depende da relação entre os indivíduos. Uma criança terá mais facilidade em criar o hábito da leitura se ver seus pais lendo, por exemplo. Assim funciona também com os acadêmicos, que ficarão mais motivados pelo estudo através das perspectivas e exemplos dos Professores Formadores. Em vista disso, Barcelos (2000) alerta que os professores, durante sua formação profissional, necessitam iniciar-se no processo de reformulação e ressignificação de conhecimentos para a construção de um saber da ação pedagógica a partir da conexão com suas experiências e com as de outros indivíduos.

Rezer (2014, p. 378) afirma que “ampliar a capacidade de reflexão crítica dos docentes da Educação Superior sobre seu próprio trabalho parece representar uma possibilidade importante para avançar na compreensão de autoria da própria docência”. Assim, o Professor Formador necessita refletir sobre o que ensina e como ensina a partir de sua ação no cotidiano, uma vez que, essa postura, é constitutiva do próprio procedimento educacional.

4.3.2 Professor em formação

A formação do professor é o processo de desenvolvimento de maneira reflexiva da prática pedagógica, é um conjunto de saberes e conhecimentos, tanto teóricos como práticos. É também um momento para se compreender qual o papel do professor na sociedade, suas funções relacionadas ao contexto em que está inserido e seu compromisso pedagógico. Cunha (1989), afirma:

Pode-se destacar como parte da formação profissional, entre outras, a compreensão da cidadania; a postura crítica e transformadora da sociedade; conhecer e valorizar a pluralidade social; saber ler e interpretar as diferentes fontes de informação; questionar a realidade a capacidade crítica para formular e resolver os problemas.
(p.25)

O Professor Formador deve considerar a sua relação com os acadêmicos, para que sua atuação como formador seja harmônica e eficaz. Essa relação torna o ensino aprendizagem um processo de duas vias, enquanto o Professor Formador ensina, também aprende, dando-se, assim, uma troca de conhecimentos.

Para tanto, a forma como o Professor Formador percebe o acadêmico vai influenciar também na forma de tratamento e na relação que se cria entre os dois. Essa percepção do Professor Formador com relação ao acadêmico passa a ser analisada partindo das falas dos Professores Formadores, e alguns pontos são levantados a seguir. Tais como, certa imaturidade e despreparo acadêmico ao ingressar no curso superior.

4.3.2.1 O acadêmico na visão do professor formador

Como todo grupo de pessoas sempre há aqueles que se destacam, seja positivamente ou negativamente. Não seria diferente em um grupo de acadêmicos. Mas o importante nesse estudo é verificar como o Professor Formador percebe essas diferenças.

Alguns professores relataram a entrada, cada vez mais precoce do acadêmico, na universidade e muitas vezes despreparado para o mundo universitário. Como podemos perceber nas fala dos Professores Formadores Remi e Leoni.

Bom, partindo do pressuposto que os alunos estão entrando cada vez mais novos em termos de idade eles também estão entrando imaturos na universidade então juntamente com o amadurecimento acadêmico, de conteúdo, de profissionalismo, etc, acontece o amadurecimento deles como pessoa eles saindo de uma pós adolescência entrando para uma vida adulta, então de um amadurecimento mais biológico dessa forma a gente pode dizer, então as duas coisas acontecem, o amadurecimento biológico e o amadurecimento intelectual (E1)

Bom, os acadêmicos entram na universidade bem jovens com muito pouca leitura então eles entram assim bem precários mesmo e no desenvolver do curso a gente vê assim que eles crescem bastante (E4)

Os Professores Formadores, nesse sentido, apontam para um amadurecimento do acadêmico no decorrer do curso, mas ainda mostram uma preocupação, por esse amadurecimento não atingir a todos. Mesmo com o decorrer da formação na universidade, os professores formadores vão orientando e preparando os acadêmicos para a vida profissional, mas, enquanto alguns se desenvolvem com maior facilidade, outros precisam de maior atenção, como podemos perceber nas falas de Leoni e Remi respectivamente.

Da pra se dizer que 60% deles dá um up assim no terceiro e quarto semestre, mas porque eles se dedicam, se dedicam mesmo, porque aqui tem que se dedicar na universidade tem que estar apaixonado e tem outros que levam mais na brincadeira, mas o mundo do trabalho vai depois cobrar deles (E4)

Alguns alunos a gente percebe um amadurecimento muito grande, assim estrondoso do primeiro semestre até o quinto ou sexto semestre, um amadurecimento que nem parece a mesma pessoa, outros alunos a gente vê ou percebe um amadurecimento acadêmico mais não tão forte e alguns poucos alunos você não observa amadurecimento nem acadêmico e nem intelectual (E1)

Alguns Professores Formadores ainda levam em consideração o esforço do acadêmico e buscam uma formação que de o mínimo de preparo necessário para a atuação profissional.

Porque o desenvolvimento deles é diferente, como que eu vou te dizer, tem alguns que tem mais dificuldade e o bastante dele pode parecer pouco, mas, o professor tem que saber reconhecer quando ele conseguiu uma evolução, pra ele pode ser muito, e eu vejo assim que em se tratando do professor do acadêmico da licenciatura ele se desenvolve como uma visão de futuro professor, então ele é acadêmico mas ele também, ele já é um professor em andamento então ele já tem esse questionamento

de como vai ser a atuação da docência dele e também a gente tem essas atividades que levam ele a refletir essas práticas decentes, pra que ele já enquanto acadêmico seja também um futuro professor, e o desenvolvimento do acadêmico é muito particular de cada um, mas eu vejo assim que nosso curso aqui nós temos de modo geral um bom desenvolvimento de todos eles (E3)

Então, a gente dá importância a experimentar o movimento porque que tem aula prática e que eles praticam, pra experimentar o movimento pra poder depois ensinar, então naquele sentido de aprender um determinado esporte, como atleta eles não vão conseguir, então a gente tem interesse principalmente em fazer com que eles saibam a aprender a ensinar outros a jogar, que é um pouquinho diferente do jogar então a gente pede o mínimo possível dos requisitos básicos do movimento que com a experiência da prática eles possam ter firmeza com relação ao ensino que eles vão dar nos esportes coletivos para os alunos nas escolas (E5).

Além de reconhecer a evolução do aluno, o professor formador também precisa dar uma maior atenção aqueles com maiores dificuldades. Isso, de certa forma, está previsto no Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso.

O curso deverá oferecer possibilidades de apropriação do conhecimento por meio do ensino, pesquisa e extensão que permita ao aluno um domínio de competência de natureza técnica-instrumental estruturada a partir de uma atitude crítico-reflexiva (DOC 1).

Mesmo previsto no PPP, a pesquisa e extensão muitas vezes não é trabalhada por todos os professores, que devido a questões de tempo não trabalham fora do âmbito do ensino. Essa questão foi levantada pelo Professor Formador Jair.

Em relação às universidades federais como exemplo onde o professor está a disposição em tempo integral então há possibilidade de se fazer um trabalho de extensão e de pesquisa e aqui a gente se resume somente ao ensino, única e exclusivamente ao ensino dentro da sala de aula. Então a gente perde um pouquinho a qualidade em relação aos alunos para a formação integral deles, que se subentende que seja pesquisa, extensão e ensino (E5).

Mas, para o desenvolvimento do acadêmico além do ensino, pesquisa e extensão, é preciso que este tenha comprometimento com a sua formação. E o desenvolvimento do acadêmico está relacionado com os objetivos que ele tem com o curso de graduação e da opção que escolheu.

De certa forma, o Professor Formador faz o que pensa ser possível para o desenvolvimento do acadêmico. No entanto, em algumas vezes, sem o comprometimento e dedicação necessária por parte do acadêmico, essa formação fica prejudicada.

Considerando a diversidade de perfis dos acadêmicos, seja de ano para ano, ou de turma para turma, ou até mesmo em uma única turma, a tarefa do Professor Formador não é nada fácil, pois, além do conhecimento teórico e prático, também é necessária a compreensão do acadêmico em formação e de como inspirá-los a produzirem conhecimento. Educar é mais

que apenas transmitir conhecimento, educar é estimular o educando a buscar o conhecimento, educar é ensinar e aprender enquanto ensina, estimulando o raciocínio lógico e aprimorando o senso crítico, físico e moral.

Mas uma dificuldade encontrada pelos Professores Formadores é com relação ao próprio interesse do aluno. E ao procurar uma resposta da razão de ocorrer esse desinteresse, ou falta de comprometimento com a formação, os Professores Formadores levantaram algumas questões. Percebida nas falas a seguir:

Eu acredito muito pela vontade ou pelo objetivo do aluno estar aqui dentro, essa seria a resposta, então muitos estão aqui porque os pais querem que eles cursem um ensino superior, aí eles entram talvez na educação física por pensarem que é um curso mais fácil por acreditarem que é só esporte e eles vão ver que não é isso e acabam se achando, mas não querem desistir e continuam, então acredito que é muito mais pelo objetivo do que eles estão fazendo aqui dentro, então a gente percebe que quem tem o objetivo de sair e trabalhar na área, amadurece os outros não amadurecem (E1)

Eles acreditam que algumas coisas eles não vão trabalhar, não, não, como é que eu vou te dizer, eles não se dedicam para aprender determinados conteúdos, por que eles já estabelecem mais ou menos a área que eles querem atuar, tanto é que na área que eles querem atuar eles buscam bastante eles procuram bastante informação, mas dependendo do que eles não se identificam eles acabam não tendo muito interesse, na disciplina a parte prática interessa muito mais eles, que a parte teórica, mas eles assim se puderem, a gente tem que estar sempre tentando mostrar e explicando a teoria mas dando exemplos práticos porque a assimilação deles pela prática é mais fácil do que se for só pela teoria (E2)

A educação física eles acham que é só esporte só jogar o esporte, mas não é, a gente explica desde o primeiro semestre que a teoria é a base da prática então eles levam mais na bricadeira, tem uns que até desistem ou vão pra outros cursos, mas a leitura e a dedicação tem que ter igual. (E4)

No entender dos Professores Formadores, a grande questão gira em torno do objetivo do acadêmico com relação ao curso, muitos descobrem que não era exatamente aquilo que queriam, em quantos outros selecionam o que consideram importantes e ficam desestimulados com as demais disciplinas, e outros ainda parecem não estarem realmente maduros para um curso superior.

A imaturidade e o não comprometimento dos acadêmicos é um tema que preocupa os Professores Formadores e torna o desafio de ensinar ainda maior. Além do conteúdo e do desenvolvimento intelectual, há também a preocupação do desenvolvimento pessoal do acadêmico.

Essas preocupações que os professores levantaram também foi percebida por Franco (2009):

Em pesquisas anteriores tenho verificado que as questões mais solicitadas pelos professores, transformadas em necessidades para a formação contínua, quase sempre, dizem respeito às dificuldades que encontram com os alunos: alunos desmotivados, como incentivá-los? Alunos despreparados cognitivamente, como superar tais defasagens? Alunos indisciplinados, como fazê-los respeitar e cumprir limites? Alunos desinteressados, como fazê-los ter interesse pela descoberta do novo? Alunos que não gostam de ler, como fazê-los leitores críticos? (FRANCO, 2009, p. 10).

Influenciar as concepções dos acadêmicos com relação ao curso e a profissão do Professor de Educação Física parece ser atividade constante dos Professores Formadores, ao longo da graduação. Nesse momento, se faz de suma importância exercer uma influência positiva no acadêmico com relação à profissão docente, em especial a do Professor de Educação Física.

Nóvoa (2007, p. 13), pondera que é fundamental que se encare o desafio de uma formação mais centrada nas práticas e na análise dessas práticas, reforçando o aspecto coletivo da formação docente. Porém, essa formação “em/no coletivo” necessita avançar para um contexto de movimentos pedagógicos que ligam os envolvidos, Professores Formadores e acadêmicos, a dinâmicas que vão para além das fronteiras organizacionais, como propõe o autor.

4.3.2.2 Relação com os acadêmicos

As relações entre indivíduos é o que forma uma sociedade e define o comportamento social e profissional de cada um. Portanto, é fundamental que se estude a relação entre o Professor Formador e o acadêmico em formação, para que se possa ter uma compreensão de como se dá essa formação.

A relação entre Professor Formador e acadêmicos, analisada nesse capítulo, é aquela na qual ambos podem se comunicar e respeitar um ao outro nas suas diferenças. Porém, o termo relação é muito amplo e não pode ser confundido com afetividade materna, pois essa relação é tratada aqui em um ambiente profissional. Podendo sim haver afetividade, mas em um relacionamento voltado para a aprendizagem. O papel do professor é destacado em Castro e Carvalho(2001):

[...] o papel de mediador do professor assume diferentes aspectos. É coordenador e problematizador nos momentos de diálogo em que os alunos organizam e tentam justificar suas idéias. Aproxima, cria pontes, coloca andaimes, estabelece analogias, semelhança ou diferenças entre a cultura “espontânea e informal do aluno, de um lado, e as teorias e as linguagens formalizadas da cultura elaborada, de outro,

favorecendo o processo interior de resignificação e retificação conceitual. Explicita os processos e procedimentos de construção do conhecimento em sala de aula, tornando- os menos misteriosos e mais compressíveis para os alunos. Ao fazer os alunos pensarem, ao invés de pensar por eles, o professor está favorecendo autonomia intelectual do aluno [...]. (CASTRO; CARVALHO, 2001, p. 130).

Aqui é levada em consideração a visão do professor formador nessa relação. E alguns deles mantêm essa relação estritamente profissional, como podemos perceber nas falas de Remi e Jair.

Bom em primeiro lugar a relação entre professor e acadêmico a minha particularmente é uma relação acadêmica que tem como tema uma relação acadêmica e nesse sentido eu tenho um cuidado para não ter uma proximidade muito grande para não trazer pra sala de aula essa proximidade muito embora em função de nos morarmos em uma cidade pequena e a universidade ser uma universidade mais aconchegante essa aproximação acontece de uma maneira um pouco mais evidente mesmo assim eu particularmente procuro sempre manter uma relação acadêmica (E1)

Minha relação com os acadêmicos é essencialmente profissional, porque a natureza da instituição não permite outras formas a não ser esta, então onde eu conheço os alunos é somente na sala de aula, não havendo possibilidade de fora da sala de aula de ter contato, até mesmo porque eu não sou de Frederico, e estou a disposição só das 7 as 10:30 da noite e é bem nos horários de aula então deixa uma distancia muito grande (E5)

Já outros professores demonstram criar alguns laços de amizade com os acadêmicos, desde que essa relação não interfira na relação Professor Formador e acadêmico dentro da sala de aula, como percebemos nas colocações de Leoni e Gabriela.

Fora das aulas eu procuro ser amiga, mas, eu tento que essa amizade não influencia na metodologia das aulas e com relações as avaliações, com relação ao aprendizado deles, eu acredito que minha relação com eles é bem amistosa, mas eu tento estabelecer os limites e ser criteriosa com relação a metodologia utilizada nas aulas e as avaliações que são estabelecidas. (E2)

Bom minha relação com os acadêmicos é uma relação até de amizade sabe. Quando eles entram são bem atendidos por todos os professores daqui é assim de forma carinhosa, mas com responsabilidade, sabe, segurando um pouquinho e sabendo dividir, horário de aula e o horário que não é de aula. (E4)

Nas duas primeiras falas é possível perceber certo distanciamento dos professores formadores com relação aos acadêmicos, de formas diferentes. Uma imposta pelo próprio Professor e a outra por uma questão de logística. Mas, o que há em comum entre os dois é que a relação se mantém no âmbito profissional e nunca no particular.

Outro ponto em comum entre os Professores Formadores, que mantêm um certo distanciamento do acadêmico, é o pensamento recorrente ao tecnicismo. Relacionado a isso Franco (2009) diz.

Existem diferentes concepções da prática docente e, infelizmente, a mais usual é aquela associada à concepção tecnicista, que considera que a prática docente é uma sucessão de procedimentos metodológicos previamente prescritos e planejados e que devem ser executados pelo professor (FRANCO, 2009, p. 162)

Nessas falas podemos ter duas diferentes interpretações. Uma delas mantém uma relação, como dito por ela mesma “amistosa” já a outra fala nos indica uma relação mais proximal de “amizade”. Porém ambas com restrições, ou definições entre fora e dentro da sala de aula.

Mas, fica evidenciado a preocupação do Professor Formador que essa relação não interfira no processo educativo, tanto pelo afastamento pessoal como pela aproximação. Seja qual for à relação estabelecida, o comprometimento com o ensino do acadêmico fica sempre em primeiro plano.

Em relação a essa forma de atuação do Professor Formador, pode-se trazer para reflexão a advertência de Alves (2007):

Um educador não se faz apenas com o conhecimento dos saberes das ciências da educação. Ele se faz com qualidades tais como bondade, paciência, capacidade de ouvir o aluno em silêncio, sem dar respostas que matariam seu pensamento, capacidade de sonhar os próprios sonhos e os sonhos de seus alunos. (ALVES, 2007, p. 17).

Fundamentado em Freire (2000, p. 26) tem-se a argumentação de que a relação pedagógica, quando caracterizada pela amorosidade, propicia a concretização de um processo educativo humanizador, pois vivencia o zelo, o cuidado, o afeto para com o acadêmico em formação, promovendo-o. Logo, “não é possível ser professor sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que se faz”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a pretensão de generalizar os achados dessa investigação e prescrever conclusões definitivas, acredito que este estudo provoca reflexões e novos questionamentos a respeito da Formação do Professor de Educação Física visto ser uma pesquisa qualitativa que retrata o meio investigado.

A opção por ouvir, “dar voz” aos Professores Formadores é um recurso do método escolhido e teve o intuito de aumentar a aproximação da compreensão que estes têm da formação do acadêmico e futuro professor e a influência que ele exerce nesse processo. Após análise e interpretação dos dados passo a responder meus questionamentos iniciais, de forma interpretativa de “quais as influências existentes na interação entre o Professor Formador e os acadêmicos em processo de formação?”.

Na visão do próprio Professor Formador sobre a sua influência na formação do acadêmico, fica evidenciado que essa se faz através do exemplo. Seja pela postura ética, pela competência profissional, pelas atitudes pessoais ou pela experiência na área. Alguns professores chegaram a citar algumas questões como competências do professor, que possam servir de exemplo aos acadêmicos, como chegar no horário, sair na hora certa, hábitos saudáveis e utilização de uniforme.

Fica evidenciado que a postura que o Professor Formador tem em suas aulas, é uma definição de como ele se vê como Formador. Há um “excesso” de zelo, pelo menos foi o percebido nas entrevistas, de que o Professor Formador tenha que manter uma postura profissional que sirva, de certa forma, como um parâmetro para os acadêmicos.

A ética, a postura profissional e as competências do professor são questões de clara relevância para a atuação docente e de grande influência no relacionamento que se cria entre o Professor Formador e o acadêmico.

Também a questão do domínio de conteúdo, que além de uma preparação teórica também vem vinculado com a experiência da docência, permite um relacionamento diferente entre Professor Formador e os acadêmicos. Os professores mais experientes demonstram um relacionamento quase que exclusivo profissional, enquanto os professores mais jovens procuram uma interação, além do profissional, também de amizade.

Os Professores entrevistados demonstram estarem cientes que de alguma forma são espelhos para os acadêmicos, e procuram estimulá-los enquanto acadêmicos e futuros professores, de como será a vida profissional e estimular a continuidade dos estudos.

O maior estímulo não está apenas nas palavras, mas, principalmente, nas ações. Quando alguns professores relatam que continuam seus estudos isso impacta nos acadêmicos de forma muito mais estimulante do que apenas dizer a eles o quanto a formação continuada se faz necessária.

Um professor bem preparado e que demonstre domínio do conteúdo, como muito citado por alguns professores entrevistados, faz com que os acadêmicos se inspirem a serem profissionais semelhantes ou ao menos parecidos com esse professor. Essa percepção parte também do Professor Formador.

Não há dúvidas de que nas interações entre Professor Formador e acadêmicos, haja uma troca de conhecimento e de aprendizado. Que o acadêmico levará consigo aquilo que considerar de mais importante do Professor Formador, para sua vida profissional. Porém, o processo em que essa troca se faz depende de como ocorre a interação. E, a interação por fim, se faz através de como um vê o outro.

Nesse estudo, o foco foi a visão do Professor Formador, que percebe o acadêmico, muitas vezes entrando na Universidade despreparado para isso. Ou seja, por serem muito jovens ou por terem tido uma má formação anterior ao ensino superior, muitos desses acadêmicos não estão preparados para o mundo universitário.

O desinteresse do acadêmico com relação aos estudos é algo que incomoda os professores, que tentam de todas as formas estimular e até mesmo cobrar um maior interesse do acadêmico. Porém, nem sempre essa tentativa traz resultados positivos. Isso é percebido na fala de alguns professores que relatam que alguns poucos acadêmicos chegam ao término do curso sem ter mostrado um amadurecimento significativo.

Essa é uma consideração preocupante, pois que profissionais estão sendo formados? O quanto disso é responsabilidade da Universidade e seus Professores Formadores e o quanto é responsabilidade do próprio acadêmico? Quais as medidas cabíveis para “recuperar” ou melhorar a qualidade da formação desses acadêmicos?

Faz parte do trabalho docente estimular o conhecimento dos acadêmicos e motivá-los para o aprendizado, mas a evolução de cada um e a motivação são internas. E as diferentes motivações é que direcionam diferentes formações, mesmo dentro de um mesmo grupo de acadêmicos, a formação se faz de forma coletiva, mas como internalizarão o conhecimento é individual.

Mas, será decisiva nessa motivação, a relação que o Professor Formador mantém com o acadêmico. Enquanto alguns professores mantêm uma relação estritamente profissional

com os acadêmicos outros professores tentam manter uma relação mais proximal até mesmo de amizade, mesmo assim com algumas restrições.

Os Professores Formadores demonstram uma maior atenção, com relação ao conteúdo e a postura profissional. Enquanto alguns dos professores que mostram um contato maior com os acadêmicos, mesmo fora da sala de aula, demonstram uma postura mais voltada para conhecer o acadêmico. Não faz parte das obrigações do professor saber da vida particular de seus alunos, mas o quanto mais puder saber sobre, melhor será sua relação e melhor será a sua prática pedagógica.

Mesmo que alguns professores que responderam ter uma amizade com os acadêmicos acreditem que isso não influencia nas suas aulas, por manterem uma postura profissional enquanto Professores Educadores em sala de aula, estes não perceberam que há sim uma influência, pois mesmo que de forma inconsciente, tanto para o acadêmico como para o professor formador, esse contato favorece a uma relação de maior proximidade. Não quero aqui dar a impressão de favorecimento, mas sim de maior compreensão entre os indivíduos.

As relações humanas de forma geral não são fáceis, é preciso respeito e consideração para que haja o convívio de forma pacífica e produtiva. Respeito pelas pessoas e suas opiniões e consideração de que existem diferentes culturas e formas de pensar.

Na relação entre Professor Formador e acadêmicos esse respeito deve ser mútuo, e como se dá a relação entre os mesmos, vai ser fator determinante para a formação do acadêmico e futuro professor.

Alguns pontos aferidos nesse estudo, através das entrevistas, podem ser evidenciados como: os conteúdos; teorias do ensino; saber ensinar; relação entre teoria e prática; formação através do exemplo; experiência profissional; ética; interação entre Professor Formador e acadêmico; motivação; postura profissional; valores; condutas; formação continuada e comprometimento profissional.

Esses pontos refletem algumas questões inerentes à formação de professores. E a forma como que cada Professor Formador percebe cada uma dessas questões vai conduzindo a sua prática docente e a sua maneira de se inserir no âmbito educacional, como demonstrado nessa pesquisa.

Concluo concordando com Rezer (2014, p. 441) que “mesmo em meio a avanços significativos na produção do conhecimento no campo da Educação Física, a docência ainda apresenta muitos elementos a serem investigados”. Enfim, espero que esta pesquisa tenha

gerado uma reflexão aos Professores Formadores sobre a sua influência na formação dos acadêmicos, e com isso possam melhorar ainda mais a sua prática pedagógica. No entanto, considero que esta pesquisa serviu de reflexão primeiramente para mim, já que faz parte da minha formação também, e em segundo aos futuros leitores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Prefácio. In: DOWBOR, F. F. **Quem educa marca o corpo do outro**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 15-17.
- BALZAN, N. C. (1991). Biologia e a formação do professor. **Anais do IV Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia**. São Paulo: USP, p. 16-20, 1991.
- BARBOSA, E. F. **Instrumentos de Coleta de Dados em Projetos Educacionais**. Belo Horizonte. Publicação do Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais – Educativa, 1998.
- BARCELOS, N. N. S. Saberes docentes na formação do professor reflexivo de ciências e biologia. **Caderno de textos da V Escola de verão para professores de prática de ensino de física, química, biologia e áreas afins**. Bauru-SP, 2000, p.79-82.
- BAUMGARTNER, L. M. **An update on transformational learning**. In: New Directions for Adult and Continuing Education. Springer: n. 89, p. 15, 2001.
- BIRK, M.; Do Princípio da Pesquisa Qualitativa à Coleta de Dados: uma trajetória percorrida por todos os pesquisadores. In: CAUDURO, M. T.; **Investigação em Educação Física e Esporte: Um novo olhar pela pesquisa qualitativa**. Novo Hamburgo, RS: Ed. Feevale, 2004, p 27.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2010.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2004.
- BRASIL. Lei n. 9696/98 Regulamentação da Profissão de Educação Física. Brasília, 1998a.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacional**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998b.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacional**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- BÚRGIO, C. C. D. & LOCH, C. L. **Reflexão e Ação**. Reflexões sobre o processo de formação do professor a partir do contexto social, político e econômico que envolve a educação a distância, Departamento de Educação, Santa Cruz do Sul, 2006.
- CASTRO, A. D & CARVALHO, A. M.; **Ensinar a Ensinar: didática para escola fundamental e média**. São Paulo: Thomson Learning, 2001.
- CAPARROZ, F. E. **Entre a educação física e a educação física da escola: a educação física como componente curricular**. Vitória: CEFD-UFES, 1997.
- CAUDURO, M. T.; **Investigação em Educação Física e Esporte: Um novo olhar pela pesquisa qualitativa**. Novo Hamburgo, RS: Ed. Feevale, 2004.

CAUDURO, M. T.; **Os Diferentes Olhares Sobre a Prática do Ensino Supervisionado em Educação Física**. Novo Hamburgo, RS: Ed. Feevale, 2007.

CUNHA, M. I. **O Bom Professor e sua Prática**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DUK, C. **Educar na diversidade: material de formação docente**, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2005.

DURKHEIM, É. **A Educação Moral**. (tradução Raquel Weiss) Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
Franco, M. A. S. **Práticas Docentes Universitárias e a Construção Coletiva de Conhecimentos: possibilidades de transformações no processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: USP, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Professora Sim, Tia, não**. 10 ed. São Paulo: Olho D'Água, 2000.

GAUTHIER, C. & MARTINEAU, S. & DESBIENS, J. F. & MALO, A. & SIMARD, D. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Unijuí, 1998.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KINCHELOE, J.; **A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno**. Porto Alegre: ArtMed, 1997.

LIBÂNEO, J. C.; **Didática**. Coleção Magistério – 2º Grau. Série Formação do Professor. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, M. O. **A formação do profissional de educação**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MEDINA, J. P. S. **A educação Física cuida do corpo...e “mente”**. Campinas: Papyrus, 1983.

MEIRIEU, P. **A pedagogia entre o dizer e o fazer; a coragem de começar**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MONTEIRO, M. E. P. F. **O ensino da Biologia e Geologia com recurso às tecnologias da informação e comunicação: Implicações para a aprendizagem**. Tese de Doutoramento, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2013. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/10598>. Acesso em 23 Feb 2016:

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. 2ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, A. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. (Palestra proferida em São Paulo, a convite do Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo), 2007.

NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Porto, Portugal - Revista Educacion, 2012.

PACHANE, G.G. Quem é seu melhor professor universitário e por quê? Características do bom professor universitário sob o olhar de licenciandos. **Educação**, 37(2), p. 307-320, 2012. Disponível em 17 fev 2016, de: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/viewFile/2926/3242>,

REZER, R. **Educação Física na Educação Superior: trabalho docente, epistemologia e hermenêutica**. Chapecó: Argus, 2014.

RIGHETTI, S. Se o governo ouvisse a ciência, aumentaria a carga de esportes na escola. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: **Jornal da Ciência**, n. 5533, 28 out 2016.

SÁ, K. O. **Pressupostos ontológicos da produção do conhecimento do lazer no Brasil-1972 a 2008: realidade e possibilidades na pós-graduação e graduação em educação física**. Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2009.

SACRISTÁN, J. G. **Educar por Competências: O Que Há de Novo?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHEID, N. M. J. & CASAGRANDE, C. A. O Diálogo entre diferentes saberes num programa de formação continuada. **Vidya**, 25(1), 2007, p. 45-56.

TANI, G. **Vivências Práticas no curso de Graduação em Educação Física: necessidade, luxo ou perda de tempo?**. Caderno Documentos-nº2 p1-27. Escola de Educação Física. Universidade de São Paulo, 1996.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1998.

TARDIF, M.; LESSARD, Claude. **O ofício de professor: História, perspectivas e desafios internacionais**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A

AUTORIZAÇÃO

Eu _____, responsável pela Coordenação do Curso de Educação Física, autorizo o acadêmico de mestrado **FÁBIO ANDRÉ FRIGERI** sob a orientação da professora **DRA NEUSA MARIA JOHN SCHEID**, a realizar a pesquisa **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Influência do professor formador na formação inicial.**, objetivando pesquisar qual é o entendimento dos Professores Formadores do curso de Educação Física em relação a formação dos acadêmicos.

Assinatura e carimbo da Coordenação.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Influencia do professor formador na formação inicial. O motivo que nos leva a estudar o problema: **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Influencia do professor formador na formação inicial.** é pesquisar qual é o entendimento dos Professores Formadores com relação a formação do acadêmico. A coleta de dados será através de entrevista com os Professores Formadores e a transcrição será devolvida para apreciação e validação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O(s) pesquisador (es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada pelo pesquisador, Fábio André Frigeri, tel 55 3744 3864, e a orientadora, professora Dra Neusa Maria John Scheid, Rua Assis Brasil 709, caixa postal 184, Itapagé Frederico Westphalen, RS, tel 55 3744-9200, responsáveis pela pesquisa e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

ASSINATURA DO PROFESSOR

ASSINATURA DO PESQUISADOR

APÊNDICE C

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

- 1- Como você descreve a sua relação com os acadêmicos?
- 2- Como você percebe o desenvolvimento do acadêmico no decorrer do curso e/ou da sua disciplina?
- 3- De que forma você acredita influenciar na formação do acadêmico?
- 4- Descreva você como professor formador.

ANEXO 1

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP